

Chefe FRANCISCO FLORIANO DE PAULA

PARA SER

ESCOTEIRO

NOVIÇO



EDITORA ESCOTEIRA

DA

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

PARA SER ESCOTEIRO NOVIÇO

MOACYR M. REBELLO FILHO



M. A. F. e. m. o. n.

Chefe FRANCISCO FLORIANO DE PAULA

PARA SER

ESCOTEIRO

NOVIÇO



BELO HORIZONTE — BRASIL

1961

DADOS RELATIVOS AO NOVIÇO

Nome		
Enderêço		
Data de nascimento.../.../...Local.....		
Ingresso no G.E. em.../.../...		
Distrito..... Região..... Registo.....		
PROVAS	DATAS	TOMADAS POR
Escotismo		
Cidadania		
Saúde		
Pioneiria		
Observação		
Passo escoteiro..		
Barraca		
Natação		
Vento e maré....		
Anzól		
Avião		
Vento		
Religião		
Lei e Promessa ..		
Data do compromisso: .../.../.....		
Conferido pelo Chefe.....		

ÍNDICE

	PÁGINA
ADVERTÊNCIA AO LEITOR	7
PARA SER ESCOTEIRO	9
Admissão na Tropa.....	10
Provas de Novição.....	10
Cerimônia de Investidura.....	11
ESCOTISMO	13
Vida de Baden-Powell.....	14
História do Escotismo.....	17
Os "Jamborees"	20
O Movimento Escoteiro no Brasil.....	21
Sinais e Saudações Escoteiras.....	25
Sinais Manuais para formaturas.....	28
Uniformes Escoteiros.....	29
Distintivos Escoteiros.....	36
CIDADANIA	43
Bandeira Nacional.....	43
Hinos	49
Hino Nacional.....	51
Hino da Bandeira.....	53
SAÚDE	54
Higiene Individual.....	54
Curativo de um ferimento.....	58
Saber improvisar uma Maca.....	59
PIONEIRIA	61
OBSERVAÇÃO	65
MODALIDADES	69
Passo escoteiro.....	70
Armar uma barraca.....	71
Nadar 50 metros.....	76
Vento e maré.....	77
Empatar um anzol.....	80
Nomenclatura do avião.....	81
Vento reinante.....	82
RELIGIÃO	85
Orações escoteiras	87
Provas de religião.....	88
O Padroeiro.....	90
PROMESSA E LEI	93
O NOVIÇO SENIOR	107

INDEX

1	THE HISTORY OF THE
2	3
4	5
6	7
8	9
10	11
12	13
14	15
16	17
18	19
20	21
22	23
24	25
26	27
28	29
30	31
32	33
34	35
36	37
38	39
40	41
42	43
44	45
46	47
48	49
50	51
52	53
54	55
56	57
58	59
60	61
62	63
64	65
66	67
68	69
70	71
72	73
74	75
76	77
78	79
80	81
82	83
84	85
86	87
88	89
90	91
92	93
94	95
96	97
98	99
100	101

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Em 1940, pretendendo prestar singela homenagem aos Escoteiros de meu Grupo "Afonso Arinos", Cáio Viana Martins, Gerson Issa Satuf e Hélio Marcos de Almeida Santos, mortos no desastre da Mantiqueira a 19 de dezembro de 1938, compus o manual "Para Ser Escoteiro", editando-o nas oficinas da "Fôlha de Minas", de Belo Horizonte. O livro foi pôsto em circulação no dia da morte de B-P., a 8 de janeiro de 1941. Esgotada a edição e sendo grande a procura de exemplares, passei os direitos autorais à U.E.B., pois a obra se destinava a Chefes e Escoteiros e não a lucros materiais. Pela Editora Escoteira foram publicadas duas edições, uma em 1953 e outra em 1957. Presentemente resolveu a Direção Nacional dividir o trabalho em provas de classes, encarregando-me de organizar os textos. Tirei-os, em sua maioria, do antigo manual que, assim, perde sua feição anterior, passando a três opúsculos — Para Ser Escoteiro Novião, Para Ser Escoteiro de 2ª Classe e Para Ser Escoteiro de 1ª Classe, ajustados ao P.O.R.

Aos rapazes que dos mesmos possam tirar proveito, transfiro aquela paternal homenagem.

F. FLORIANO DE PAULA.

Belo Horizonte, 1961.

PARA SER ESCOTEIRO

O TÊRMO “escoteiro” foi adotado no Brasil como tradução de “scout”. Outros povos dizem “esclarecedores”, “exploradores”, “escutas”. Mas o sentido é um só. O escoteiro é o que se chama na vida militar um “esclarecedor”, o homem que segue à frente para guiar a tropa e surpreender o inimigo. É o indivíduo atento, ágil, inteligente, perscrutador, que explora o terreno, observa o adversário e informa com segurança. É um guia. Orientou os conquistadores de todos os Continentes. Tem servido de bússola nas expedições mais arriscadas. É o escoteiro do Far-West, o pioneiro da África, o vaqueano dos nossos campos. Homem da vanguarda, tem de ser naturalmente forte de corpo e de alma, para manter a confiança dos companheiros. É um Guia Lopes.

Modernamente transitam pelas ruas da cidade, e não apenas pelo sertão bravio, os nossos “escoteiros”. Pela formação, pelas atitudes, pelos exemplos de virtudes humanas, são ainda os guias da juventude. E amanhã, quando se fizer necessário e a Pátria o exigir, serão os pioneiros das arrancadas difíceis, das missões perigosas, das tarefas que requerem energia física e rijeza de caráter.

Eis a razão por que o programa de educação escoteira apresenta feição tão variada e procura atingir tôdas as capacidades individuais e incorporar ao homem as mais puras virtudes sociais.

ADMISSÃO NA TROPA



Para ser Escoteiro o rapaz deve ter de 11 a 15 anos. Tendo de 15 a 18 anos poderá ser Escoteiro Senior. Precisa preencher uma ficha de inscrição e ser aceito por uma Patrulha, pela Côrte de Honra da Tropa e pelo Chefe de Escoteiros.

O Lobinho que vier diretamente da Alcatéia do mesmo Grupo Escoteiro, será automaticamente aceito.

No prazo máximo de três meses deve completar as Provas de Noviço e ficar pronto para a Investidura.

PROVAS DE NOVIÇO

O regulamento escoteiro, chamado P.O.R. (Princípios, Organização e Regras), na regra 15-3, indica as provas que são exigidas para que possas ser Noviço, usar o uniforme da modalidade a que pertence tua Tropa (básica, mar ou ar) e receber o Distintivo Escoteiro, o chapéu, o bastão, o lenço do Grupo, as fitas da Patrulha e ainda o distintivo da Região.

As provas referem-se a: 1) *Escotismo*, 2) *Cidadania*, 3) *Saúde*, 4) *Pioneiria*, 5) *Observação*, 6) *Modalidade Escoteira*, 7) *Religião* (conforme teu credo), 8) *Lei e Promessa*.

Nas páginas seguintes procurarei ajudar-te a vencê-las, contando com teu interesse, compreensão e atividade. Para que te orientes na procura dos assuntos, tratarei de reuní-los de acôrdo com a ordem estabelecida pelo P.O.R.

CERIMÔNIA DE INVESTIDURA

Completadas as provas acima, o rapaz ou o Lobinho torna-se Escoteiro pela Investidura, delineada por Baden-Powell no seu livro "Escotismo para Rapazes". Desde então passa a ser conhecido como um Noviço e a ter o direito de usar, de acôrdo com sua modalidade, o uniforme e os distintivos escoteiros.

A sugestão apresentada por B-P é a seguinte:

"A Tropa forma em ferradura com o Chefe e o Assistente do lado da abertura. O aspirante, acompanhado do Monitor da sua Patrulha, fica no centro da formação. O Assistente do Chefe tem à mão o bastão e o chapéu do aspirante. À voz de "avançar", o Monitor traz o aspirante à frente do Chefe. Pergunta êste, então:

— Sabes o que é a tua honra?

O aspirante: — Sei, sim; quer dizer que se pode confiar que sou verdadeiro e honesto (ou outras palavras do mesmo sentido).

O Chefe: — Conheces a Lei do Escoteiro?

O aspirante: — Conheço, sim.

O Chefe: — Prometes, por tua honra, que farás todo o possível para viver conforme a Promessa Escoteira?

O aspirante faz, então, o Sinal Escoteiro, seguido por tôda a Tropa, enquanto recita a Promessa Escoteira.

O Chefe: — Confio na tua honra e espero que cumpras esta Promessa. Fazes agora parte da grande Fraternidade Mundial dos Escoteiros.

O Assistente do Chefe põe-lhe então o chapéu e entrega-lhe o bastão. (Entre nós é comum o Chefe do Grupo, os pais ou paraninfos colocarem o lenço do Grupo e o Monitor as fitas da Patrulha).

O Chefe aperta a mão esquerda do novo Escoteiro. Este faz meia volta e saúda a Tropa, que responde à saudação.

O Chefe dá a voz de comando: — Para a tua Patrulha, marche!

A Tropa faz a saudação, enquanto o Monitor e o Noviço formam na Patrulha.”



“O Escoteiro caminha com as próprias pernas”.

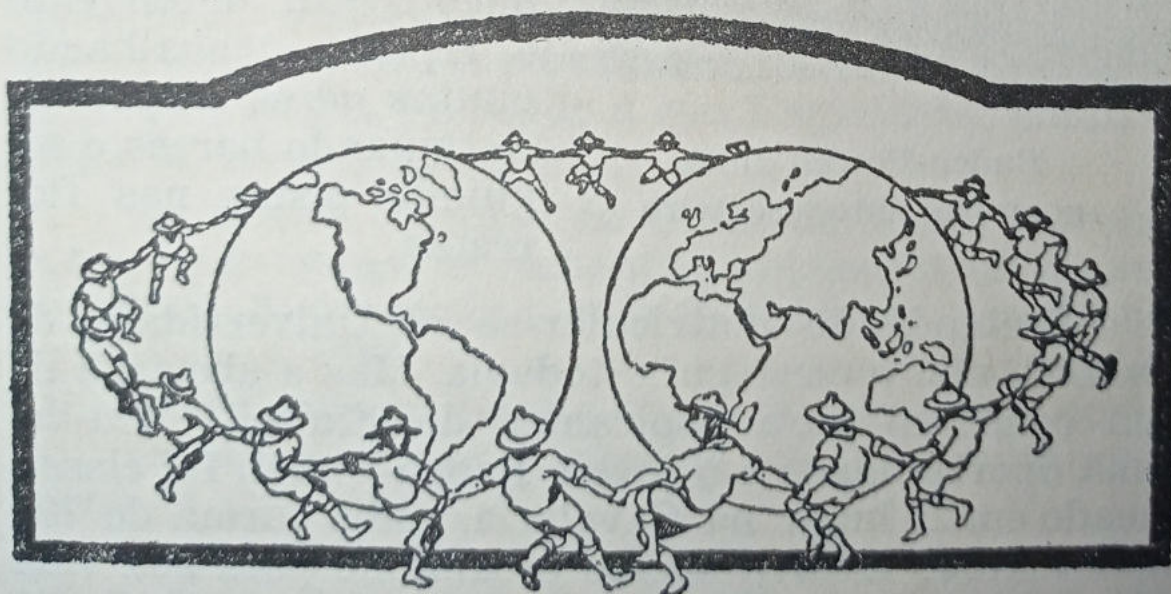
CAIO MARTINS

ESCOTISMO

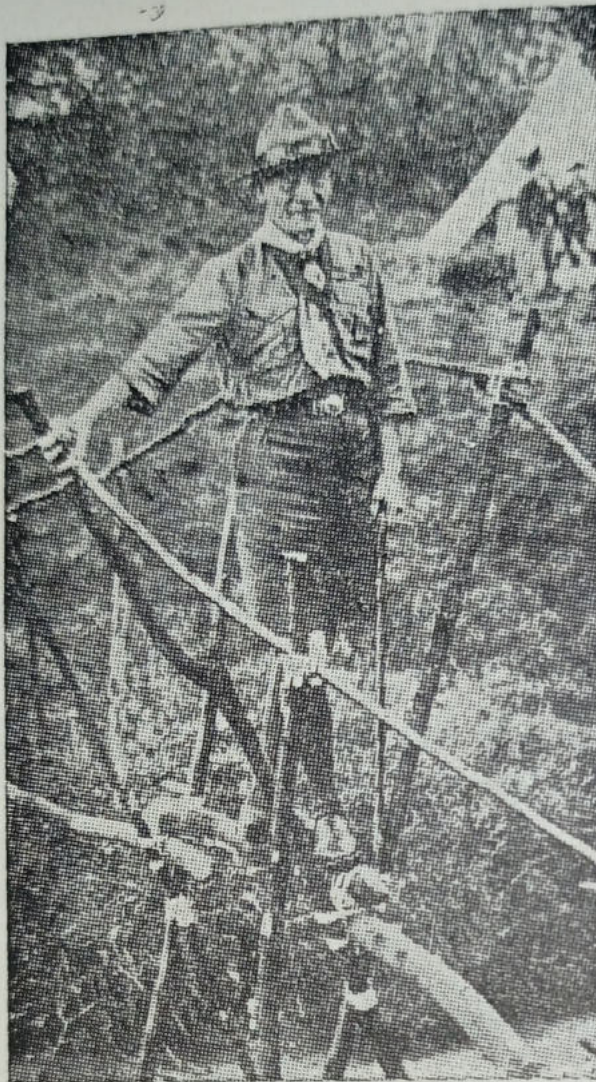
a) Ter ouvido ou lido uma breve narração sôbre a vida do Fundador, B-P., e sôbre a história do Escotismo e da Fraternidade Mundial Escoteira.

b) Conhecer o Sinal Escoteiro, a Saudação, o Apêto de Mão, o Lema, o Grito de Saudação da União dos Escoteiros do Brasil e os sinais manuais para formatura.

c) Conhecer o uniforme escoteiro e o sistema de distintivos de adestramento.



VIDA DE BADEN-POWELL



Baden-Powell num
acampamento escoteiro

EM 22 de fevereiro de 1857 nascia em Londres Robert Stephenson Smyth Baden-Powell.

Aos três anos perdeu o pai, ficando aos cuidados de sua mãe até à idade de oito anos, quando ingressou na escola primária. Em 1869 era incluído no colégio de Charterhouse, onde concluiu os estudos de humanidades. Já então desenhava bem, tocava piano e violino e participava das atividades teatrais dos colegas, metendo-se a ator cômico. Era inteligente e esperto, trabalhando muitas vezes de pedreiro, guiando barcos e seguindo pistas nas florestas.

Pretendendo matricular-se na Universidade de Oxford, não o conseguiu, todavia. Mas a abertura de um concurso para aspirantes do Exército deu-lhe uma oportunidade e o jovem Baden-Powell foi classificado em 2º lugar na Cavalaria, numa turma de 700 candidatos. Estava aberto o caminho para sua vida de aventuras e glórias.

No dia 6 de dezembro de 1878 desembarcava na Índia para servir no 13º Regimento de Hussardos, sediado na fronteira do Nepal. Foi um longo período de aprendizado, de que resultaram utilíssimas experiências para o Escotismo. Uma delas foi a prova de economia, onde nosso tenente bateu o recorde até então alcançado na guarnição.

Depois de alguns meses de férias na Europa, encontrava-se em 1880 novamente na Ásia, combatendo no Afganistão. Em 1883 era capitão.

As agitações da África do Sul determinaram a transferência do 13º R. H. para a terra dos Bechuanas e novo teatro de aventuras se descerrou para Baden-Powell. Serviços de exploração e vigilância foram-lhe confiados. Nas horas de descanso identificava-se com a terra, empreendendo caçadas, excursões, reconhecimentos.

No ano de 1886 foi o 13º R. H. recolhido à Inglaterra. Baden-Powell aproveitou a ocasião para visitar a Rússia, Alemanha e França.

No posto de major, servindo no Estado-Maior, voltou à África em 1888, a fim de tomar parte na luta sustentada contra os zulus. Durante um curto período de férias, fez uma excursão pelo Mediterrâneo e Europa Central, voltando a seu Regimento, então na Irlanda, no ano de 1893.

As tropas inglesas da Costa do Ouro, entrando em guerra contra os Achantes, necessitavam de seus serviços. É novamente enviado à África, pacificando a região em 1896. No mesmo ano, em junho, participa, como Chefe do Estado Maior, da campanha contra os Matabeles, o que considera ser “a maior aventura da sua vida”.

A promoção ao posto de coronel dá-lhe o comando do 5º Regimento de Dragões da Guarda, na Índia.

Permanece na Ásia os anos de 1898 e 1899, quando é chamado à Inglaterra e mandado à África do Sul, onde os ingleses enfrentam os "boers".

Mafeking! É o teatro da maior glória de Baden-Powell. Com 800 homens consegue defender, durante sete meses, contra dez mil inimigos, uma cidade aberta. É também a oportunidade dos meninos, demonstrando sua capacidade na execução de serviços de guerra. Baden-Powell recolhe a semente do Escotismo, que cultiva durante sete anos em experiências cada vez melhores.

Pacificada a África do Sul em 1902 é Baden-Powell nomeado Inspetor da Cavalaria Britânica. Foi nesse posto que visitou o Canadá, a Alemanha, a França, a Itália e novamente a África.

Em 1907 assentou as bases do Escotismo. Daí em diante constitui sua preocupação principal. Para dedicar-lhe todo o tempo pede demissão do Exército em 1910, percorre o mundo, visita a Ásia e a América, incentiva o movimento, organiza associações.

Casou-se Baden-Powell em 1912. Durante a Grande Guerra provou o valor da instituição que criou. E em 1919 instalou o 1º curso de chefes no Campo-Escola de Gilwell Park, que é a fonte de todo o Adestramento de Chefes.

Em atenção aos relevantes serviços prestados à juventude mundial, com a criação de seu notável sistema de educação, na primeira concentração mundial escoteira, realizada em 1920, em Olimpia (Londres), Baden-Powell foi aclamado "Chefe Escoteiro Mundial", pelos chefes escoteiros das nações que já tinham adotado o Escotismo, ali presentes. Foi mais uma expressão do caráter mundial do Escotismo, sendo o título, entretanto, de caráter todo pessoal, extinguindo-se com a vida do grande educador.

Não sendo de família nobre, recebeu Baden-Powell, por seus serviços à Nação, o título "Sir" e, em 1929, na maioria do Escotismo, foi agraciado com o título de "Lord", por sua dedicação à causa da juventude, escolhendo Gilwell para êsse título.

Mais de 80 anos de constantes exemplos das virtudes escoteiras fizeram de Baden-Powell o Chefe. Passou os últimos dias de sua vida na África, falecendo a 8 de janeiro de 1941, em Nairobi, Quênia, ao pé de cujo monte se acha sepultado.

HISTÓRIA DO ESCOTISMO

BADEN-POWELL é criador do Escotismo como sistema de educação da juventude. As observações do homem em contáto com a natureza, da luta pela vida em meios hostis forneceram-lhe métodos e processos destinados à formação dos moços, educando-os física, intelectual e moralmente para a ação.

As fontes inspiradoras de seu trabalho são múltiplas. Os ideais e formalidades que nortearam as Ordens da Cavalaria Medieval unem-se às regras de vida dos caçadores e madeireiros do Canadá e Estados Unidos, dos "boers" e negros da África do Sul e dos indígenas da América e da Oceânia.

Para coordenar êsses diferentes processos educativos assentou fins e objetivos bem definidos: formação da personalidade, amor a Deus, à Pátria e à humanidade.

No Canadá pôde observar as atividades dos "cow-boys" americanos, a organização dos colonos em patrulhas para realização de objetivos comuns, a ação dos pele-vermelhas nas lutas de tribos e nas guerras contra os conquistadores, uns e outros possuídos de extraordinário espírito de iniciativa, de ní-

tida percepção dos elementos em jôgo, de rígida disciplina interior e exterior, de considerável soma de energias morais e físicas.

O desejo de formar uma justa opinião sôbre a vida nas regiões selvagens, nas zonas coloniais, levou seus estudos aos usos e costumes da jângal indiana, do colono australiano, dos indígenas da Nova-Zelândia, dos zulus e de outros povos africanos.

Mas a concretização de seu pensamento surgiu de um fato: o emprêgo de rapazes sul-africanos em serviços de guerra, nos esclarecimentos, comunicações, aprovisionamentos, assistência. Na guerra do Transvaal viu-se Baden-Powell obrigado a defender com poucos homens, durante sete meses, a cidade aberta de Mafeking. Para ter à sua disposição todos os homens válidos, organizou com rapazes de 12 a 16 anos todos os serviços auxiliares: transportes, cozinha, abastecimentos, comunicações, saúde. O corpo de pequenos esclarecedores agiu com perfeita noção do dever, com coragem e devotamento.

Êsses anos de lutas, de 1899 e 1900, acentuaram na mente de Baden-Powell a visão do contraste entre o homem da colônia — forte em face da vida, e o homem da metrópole — amolecido pelos requintes da civilização.

De volta à Inglaterra, ante o espetáculo de uma nação que dia a dia se tornava incapaz de sustentar seu domínio colonial, resolveu pôr em prática seus anseios de renovação social, fazendo com que o inglês voltasse ao "struggle for life" (luta pela vida), que formara outrora tantos homens empreendedores. Já anteriormente, nas fileiras de seu regimento, dava aos recrutas outro tipo de instrução preparatória, desenvolvendo-lhes a capacidade individual, o amor à Pátria, o temor de Deus. Sòmente ao fim dessa pre-

paração do "indivíduo" é que passava ao ensino de tropa, reunindo no todo aquelas parcelas valorizadas pelo novo sistema de educação. Os frutos de seu trabalho não se fizeram esperar. O livrinho "Aids to scouting", escrito para soldados, teve no primeiro mês uma saída de 50.000 exemplares.

Dos exploradores ou esclarecedores militares passou Baden-Powell à juventude. Organizou um esquema de seu processo educativo e se propôs remover as falhas de caráter notadas na mocidade inglesa. Em 1907 realizou sua primeira experiência na ilha Brownsea com 20 meninos. Como símbolo do grupo levavam aquêles jovens uma bandeira verde com uma Flor-de-Lis amarela no centro. De suas observações surgiu o livro "Scouting for boys", onde o programa de educação escoteira toma forma, apresentando-se com os lineamentos que conserva.

O livro de Baden-Powell encontrou franca aceitação entre os meninos, cujo espírito de aventura se aguçava com a leitura de livros sôbre a vida dos índios e pioneiros da América.

A criação de associações escoteiras deu-se espontaneamente por todos os recantos da Inglaterra, tornando-se um movimento nacional. Do reino passou o Escotismo às colônias inglesas, atingindo o número de escoteiros do Império Britânico, em 1911, a quase 200.000. Em 1913, uma concentração de 50.000 escoteiros, em Birmingham, arrancou do Rei Jorge V esta exclamação: "Deixem lá! A velha Inglaterra ainda está de pé!" Era a recordação dos grandes pioneiros, dos mares e das terras, formadores do Império, que se avivava na alma do Rei em presença dos novos pioneiros.

Do Império Britânico passou o Escotismo ao resto do mundo. Primeiro aos países de origem germânica, depois aos latinos, afinal aos de raça amarela.

Atualmente mais de 80 nações adotam o Escotismo como sistema de educação da juventude, congregando dez milhões de rapazes em torno da Flor-de-Lis.

Simplesmente porque o Escotismo não é um programa nacional inglês para a formação de jovens britânicos, mas um sistema educativo com métodos e processos definidos que se ajustam a todos os povos, do mesmo modo que os demais métodos consagrados em pedagogia e que ostentam os nomes de seus idealizadores — Montessori, Pestalozzi, Froebel, Decroly...

O Escotismo é o sistema de Baden-Powell, um dos maiores educadores da humanidade.

OS "JAMBOREES"

Em 1920 houve a primeira reunião mundial de escoteiros. De então em diante convencionou-se a realização de outras reuniões, de quatro em quatro anos, em local previamente escolhido pelos representantes das diversas entidades escoteiras. A essas reuniões é que chamamos "Jamborees" (Jamburis). São oportunidades para intercâmbio de escoteiros de todos os países. É o mesmo que acontece nos meios esportivos com as Olimpíadas, embora nas concentrações escoteiras não haja competições e sim demonstrações.

O primeiro "Jamboree" realizou-se em Olímpia, Londres, Inglaterra, em 1920, presentes 6.000 escoteiros de mais de vinte nações; o segundo em Copenhague, Dinamarca, em 1924, com 5.000 assistentes; o terceiro em Birkenhead, na Inglaterra, em 1929, com 30.000 escoteiros, inclusive representantes do Brasil; o quarto em Godolo, Hungria, em 1933, com 25.000 assistentes; o quinto em Vogelezand, na Holanda, em 1937, com 27.000 escoteiros; o sexto em Moisson, França, em 1947, presentes 25.000 escoteiros;

o sétimo em Bad Ischl, na Áustria, em 1951, com 13.000 assistentes; o oitavo em Niagara-on-the-Lake, no Canadá, com 11.000 escoteiros, inclusive do Brasil, em agosto de 1955. Comemorando o centenário de nascimento de B. P., realizou-se em agosto de 1957, em Sutton-Park, Inglaterra, o "Jamboree" do Jubileu do Escotismo, representadas mais de oitenta nações por 35.00 escoteiros, pioneiros e chefes, incluídos entre estes a delegação do Brasil. O décimo reuniu-se nas Filipinas em 1959, marcando por esta forma o progresso da Fraternidade Mundial dos Escoteiros.

O MOVIMENTO ESCOTEIRO NO BRASIL

1910 — Funda-se no Rio de Janeiro o "Centro de Boy Scouts do Brasil", organizado por suboficiais do encouraçado "Minas Gerais", que na Inglaterra haviam estado em contacto com o Movimento Escoteiro, recém-criado por B-P.

1913 — Organizam no Rio Grande do Sul o G. E. Georg Block.

1914 — É fundada, em 29 de novembro, em São Paulo, a Associação Brasileira de Escoteiros, nela tomando parte elementos de destaque no Estado. Sob a orientação da A. B. E. o escotismo propaga-se a todos os Estados, sendo organizadas as entidades escoteiras estaduais.

1921 — Funda-se no Rio a Confederação Brasileira dos Escoteiros do Mar.

1922 — Realiza-se o 1º Ajuri Escoteiro Nacional, no Rio de Janeiro, conjuntamente com o 1º Congresso Escoteiro Nacional, cujas teses são reunidas num livro. O Centenário da Independência é comemorado com concentrações escoteiras, reunindo a de São Paulo 10.000 elementos.

1924 — Funda-se a União dos Escoteiros do Brasil (U. E. B.) por iniciativa da Confederação dos Escoteiros do Mar, Associação de Escoteiros Católicos, Federação dos Escoteiros do Brasil e Federação dos Escoteiros Fluminenses. Uma delegação da U.E.B. comparece à Conferência Mundial de Escotismo e ao "Jamborees" Mundial Escoteiro realizado em Copenhague, na Dinamarca.

1928 — O Governo Federal, por decreto n. 5.497, de 23 de julho, reconhece a U. E. B. como instituição de utilidade pública e como dirigente do Escotismo Nacional. Em 23 de outubro, é organizada a Federação Mineira de Escoteiros.

1929 — A U.E.B. envia uma delegação de 53 escoteiros e 7 chefes ao "Jamboree" Mundial Escoteiro, na Inglaterra, comemorativo da maioridade do Movimento Escoteiro, visitando a delegação Portugal, Espanha, França e Bélgica. O Governo do Estado do Rio cria a Associação Escolar de Escotismo.

1936 — As entidades existentes no Distrito Federal reúnem-se fundando a Federação Carioca de Escoteiros, a 19 de março. Em 24 de julho é criada a C.B.E.T., Departamento de Terra da U.E.B. A U.E.B. comemora seu 12º aniversário com uma concentração no Rio e um Congresso Escoteiro.

1939 — Realiza-se em junho o Ajuri Escoteiro Interestadual da Quinta da Boa Vista, inaugurado por S. Exª o Sr. Presidente da República, com a presença de 4.000 escoteiros.

1941 — A 8 de janeiro falece em Nairobi, Quênia, África Oriental, o Chefe Mundial do Escotismo, Lord Baden-Powell of Gilwell. Realiza-se de janeiro a fevereiro a grande excursão dos Esco-

teiros do Distrito Federal, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

1945 — De 6 a 13 de março reúne-se a 1ª Assembléia Nacional Escoteira.

1946 — A União dos Escoteiros do Brasil é reconhecida pelo Governo Federal, como instituição destinada à educação extra-escolar pelo Decreto-lei n. 8.228, de 24 de janeiro de 1946.

1947 — De 19 a 26 de junho é inaugurado o Campo-Escola Nacional de Itatiaia, no Parque Nacional de Itatiaia, com a realização do 1º Curso Básico de Chefes Escoteiros, com a participação de chefes brasileiros e estrangeiros.

1949 — De 9 a 20 de julho, realiza-se o "1º Curso de Chefes Escoteiros da Insígnia da Madeira", em São Paulo, sob a direção do Chefe Salvador Fernandez Bertran.

1950 — A 22 de abril é aprovada a unificação do Movimento Escoteiro Nacional pela "6ª Assembléia Nacional Escoteira", da União dos Escoteiros do Brasil.

1951 — Em agosto uma delegação de 12 escoteiros brasileiros toma parte no "Jamboree" Mundial Escoteiro da Áustria. Em dezembro inaugura-se o "Chalé do Chefe", no Campo-Escola Nacional de Itatiaia, realizando-se, ali, o "1º Acampamento Nacional de Chefes".

1953 — De 22 a 24 de janeiro realiza-se, em São Paulo, a "1ª Conferência Nacional de Escotismo", promovida pela União dos Escoteiros do Brasil. Realiza-se em São Paulo o 2º Curso da Insígnia da Madeira.

1954 — Em comemoração ao quarto centenário da cidade de São Paulo, realiza-se em Santo Amaro, na capital paulista, no mês de julho, o Acampamento Internacional de Patrulhas, congregando escoteiros do Brasil e de diversos países.

1955 — Realiza-se em Teresópolis o 3º Curso da Insígnia da Madeira.

1956 — Pela IX Assembléia Nacional Escoteira são aprovados os novos estatutos da U. E. B., em sessão realizada a 29 de fevereiro. Em julho realiza-se em Teresópolis o 4º Curso da Insígnia da Madeira.

1957 — É comemorado o Centenário do nascimento de B-P. e o Cinquentenário da criação do Movimento Escoteiro, com um Ajuri Nacional, Tubiacanga, Ilha do Governador, Rio de Janeiro, de 14 a 24 de fevereiro. No mesmo mês reuniu-se na Capital Federal a IV Assembléia Interamericana de Escotismo. Uma delegação de Chefes, Pioneiros e Escoteiros participou do "Jamboree" do Jubileu, em Sutton Park, Inglaterra, em agosto.

1958 — Teve lugar em Pôrto Alegre o 5º Curso da Insígnia da Madeira.

1959 — Em Petrópolis, em julho, realiza-se o 6º Curso da Insígnia da Madeira.

1960 — Em julho realizou-se no Rio de Janeiro o Acampamento Internacional de Patrulhas, comemorativo do Cinquentenário do Escotismo no Brasil. Em outubro e novembro, no Rio Grande do Sul, o Curso "Treinando a Equipe" e a "Conferência do Adestramento", de caráter internacional, sob a direção do Chefe de Gilwell, John Thurman.

SINAIS E SAUDAÇÕES ESCOTEIRAS

O Sinal Escoteiro é feito levando a mão direita à altura do ombro, com a palma para a frente, os dedos indicador, médio e anular estendidos e unidos, ficando o polegar sôbre a unha do dedo mínimo.

As saudações escoteiras são feitas do seguinte modo:

1) Pelos Chefes, Pioneiros e Escoteiros com a mão direita em Sinal Escoteiro tocando a aba do chapéu ou a borda da boina ou casquete;

2) Pelos Escoteiros, com bastão, com a mão esquerda em Sinal Escoteiro, tocando o bastão, ficando o braço esquerdo colocado horizontalmente à altura do peito;

3) Os Chefes, Pioneiros, Escoteiros e Lobinhos cumprimentam-se com o apêto de mão esquerda;

4) Os Lobinhos, para a saudação, formam com os dedos médio e indicador um V junto ao boné;

5) Em marcha, com bastão, a saudação é feita à meia altura, sôbre o bastão, movendo-se o olhar para onde se dirige a saudação;

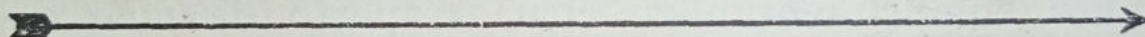
6) Em um velório ou à passagem de um cortejo fúnebre, é o bastão colocado verticalmente à frente do corpo, ficando as mãos seguras ao mesmo um pouco abaixo da altura dos ombros, a cabeça inclinada para o bastão.

7) Acompanhando um cortejo fúnebre o bastão é conduzido sob a axila direita, com a ponta voltada para baixo e para a frente.

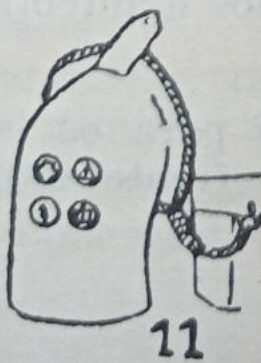
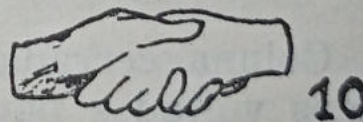
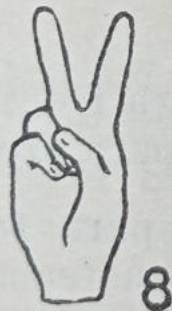
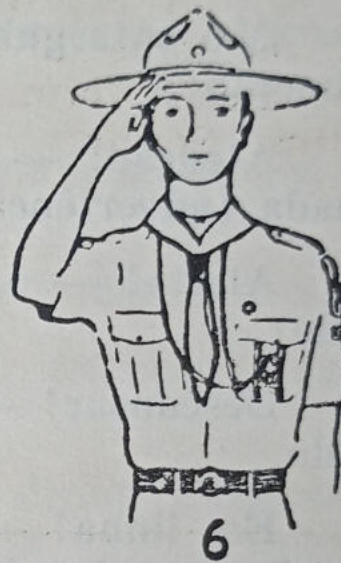
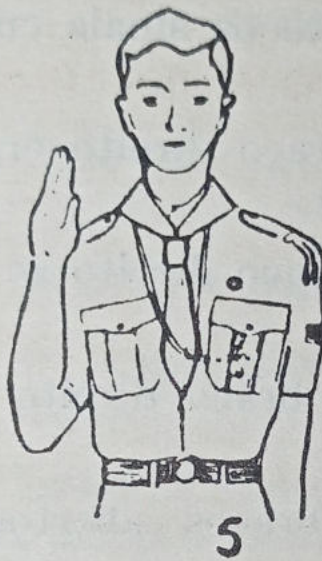
8) Impossibilitado de fazer essas saudações, volve o Escoteiro a cabeça para o lado a que dirige a saudação, dizendo "Sempre Alerta", se se trata de autoridade ou companheiro.

9) Os "gritos de guerra" constituem outra forma de saudação, sendo o da U.E.B. "Anrê!", repetido três vêzes.

10) A expressão "Sempre Alerta" é comum aos membros do Movimento, sendo reservadas aos Lobinhos a forma "O Melhor Possível" e aos Pioneiros "Servir".



1. Distintivo da U. E. B.
2. Distintivo dos Escoteiros do Mar
3. Distintivo dos Escoteiros do Ar
4. Saudação do Lobinho
5. Sinal Escoteiro e saudação quando sem chapéu
6. Saadação do Escoteiro
7. Sinal Escoteiro
8. Sinal de Lobinho
9. Brevet de Escoteiro do Ar
10. Apêto de mão de Escoteiro
11. Cordão de Eficiência
12. Saudação com bastão, em marcha
13. Saudação com bastão, parado
14. Saudação fúnebre, em marcha
15. Saudação fúnebre, parado



SINAIS MANUAIS PARA FORMATURAS

Os sinais manuais para formaturas são usados pelos Chefes para determinar disposições adequadas da Tropa nos momentos de palestras, solenidades ou jogos. Qualquer que seja a formação, a Tropa está sempre de frente para o Chefe e os movimentos são feitos em acelerado.

São os seguintes os sinais empregados no Movimento:

Atenção! — braço direito erguido, mão espalmada (advertência).

Alerta! — o braço direito se une à coxa (sentido).

Descansar! — braço direito estendido para o lado.

Em linha! — braços abertos horizontalmente e mãos espalmadas.

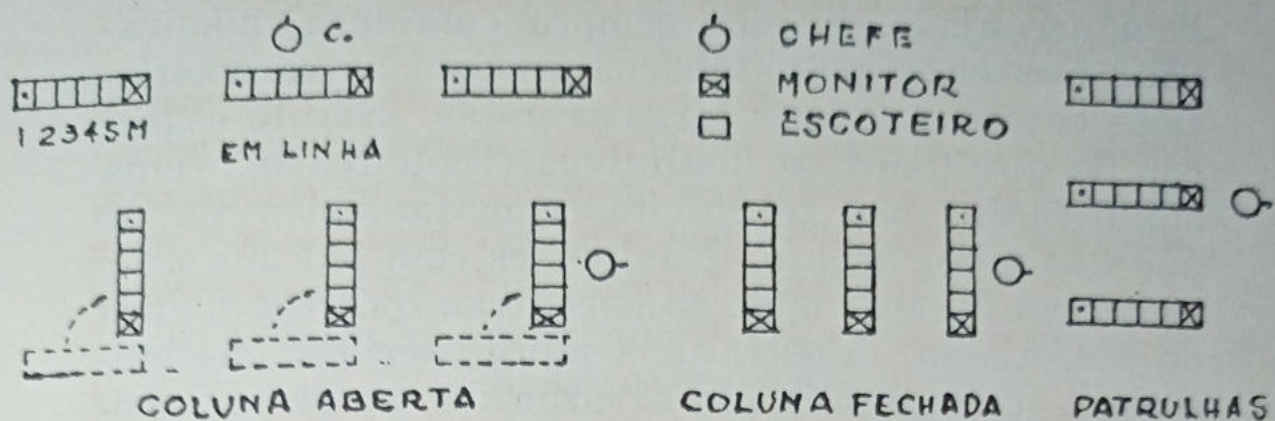
Em filas! — braços estendidos horizontalmente para a frente.

Coluna aberta — braços para frente, antebraços para cima e mãos espalmadas para frente.

Coluna cerrada — braços para frente e antebraços voltados para cima, mãos fechadas, com as costas para frente.

Retângulo — braços para os lados e antebraços para cima.

Ferradura — braços inclinados para os lados movimentando-se em círculos para frente e para trás.



Debandar — Três cruzamentos dos braços à frente do corpo.

Acelerado! — levantar e baixar o punho direito.

Fila indiana — braço direito estendido horizontalmente para frente.

Sigam-me! — levantar o braço direito e descê-lo horizontalmente na direção desejada.

UNIFORMES ESCOTEIROS

O UNIFORME é o distintivo de uma classe ou de uma corporação que presta um serviço especial. Usa-se para que todos saibam que a pessoa que o envergá exerce determinadas funções, está de posse de certos direitos e deveres. E o que aceita a função, as responsabilidades da instituição que se distingue pelo uniforme, deve sentir-se honrado em apresentá-lo. Se alguém não compreende o valor do uniforme, rindo-se de quem o ostenta, não merece atenção, mas apenas silêncio e indiferença.

Muitas vezes a falta de cuidado com o uniforme é que gera tais mofas. Um uniforme bem pôsto,

bem arranjado, inspira sempre confiança, admiração. Conserva, pois, teu chapéu com as características escoteiras: abas largas e retas. Não te esqueças de que todos os distintivos escoteiros têm uma significação; não te enfeites com fantasias que te não dão merecimento. Não entres com teu uniforme senão em lugares onde se encontram pessoas dignas do Escotismo. Mostra-te sempre alerta e disciplinado e terás justificado a razão de ser de tua condição, atestada pelo uniforme.

Os Escoteiros da modalidade básica usam o seguinte uniforme:

CHAPÉU — marron de tipo escoteiro, de abas largas e retas, com fita de couro de 25mm de largura, sem jugular, com presilha de couro ou cadarço passando por trás da cabeça, atravessando a aba por ilhoses laterais e amarrado na frente sôbre a aba. Será usado na frente do chapéu um tope esmaltado, com as côres verde e amarelo, tendo ao centro, sôbre fundo azul, uma Flor de Lis prateada.

CAMISA — cáqui, com dois bôlsos macheados, com portinholas, passadeiras nos ombros, colarinho fechado com pontas abotoadas, mangas curtas ou compridas, de acôrdo com a Região.

CALÇÃO — cáqui, altura um pouco acima dos joelhos, largo e direito, com um bôlso embutido para níquel, dois bôlsos trazeiros aplicados, com portinholas, e passadeiras para cinto.

LENÇO — quadrado, medindo 70 x 70cm, dobrado em diagonal, ou triangular, com 70cm de cateto, com a côr ou côres do Grupo, passando por cima da gola da camisa, fechando no pescoço por um anel.

CINTO — de couro marron, tipo escoteiro, com argolas, tendo no fecho de metal amarelo o emblema da U.E.B.

O uso de casquete cáqui é permitido no campo, podendo as Regiões, em caso de necessidade, permitir seu uso permanente, com o tope esmaltado igual ao do chapéu.

Os Escoteiros do Mar usam os seguintes uniformes: uniforme mescla, uniforme azul-marinho e uniforme de desembarque.

O uniforme mescla consta das seguintes peças, que todos devem possuir:

CHAPÉU — de brim branco, tipo Marinha, abas direitas para cima, tendo como distintivo a Flôr de Lis com âncora de metal oxidado.

LENÇO — branco, ou com a côr ou côres características do Grupo, igual ao do Escoteiro da modalidade básica.

BLUSA — de brim mescla, aberta até ao meio, com ilhoses por onde passará um cordão branco, mangas curtas e passadeiras nos ombros, dois bolsos macheados com portinholas, botões pretos com âncora.

CALÇÃO — de brim mescla, altura pouco acima dos joelhos, largo e direito, com um bolso embutido para níquel, dois bolsos traseiros aplicados, com portinholas, e passadeiras para cinto.

BOTÕES — pretos, com âncora.

CINTO — igual ao do Escoteiro da modalidade básica.

MEIAS — compridas, pretas, com canhão azul-marinho.

SAPATOS — pretos (tipo tênis de côr azul, para quando estiver embarcado) .

O uniforme azul-marinho, de uso facultativo, consta das seguintes peças:

BONÊ — tipo marinho, com capa branca e fita preta, com inscrição em ouro “Escoteiro do Mar”, tendo duas pontas de 10cm pendentes atrás.

LENÇO — igual ao do uniforme mescla.

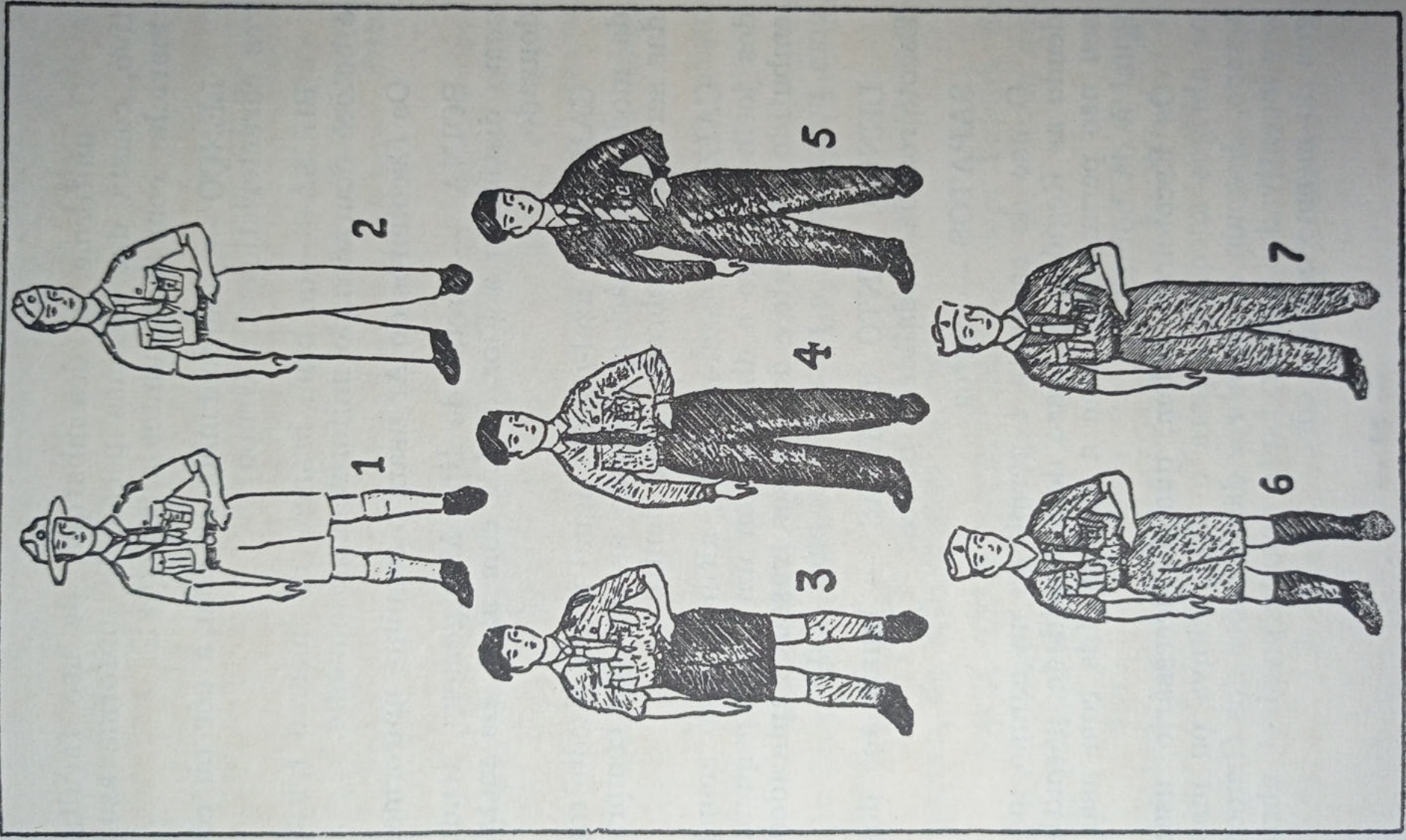
BLUSA — de casimira azul-marinho, do mesmo feitio da do uniforme mescla, porém com botões dourados.

CALÇÃO — da mesma fazenda, sendo o feitio igual ao do uniforme mescla, com o vinco costurado.

CINTO, MEIAS e SAPATOS — iguais aos do uniforme mescla.



1. Uniforme de Escoteiro
2. Uniforme de Escoteiro Senior (facultativo)
3. Uniforme de Escoteiro do Ar
4. Uniforme de Escoteiro Senior do Ar (facultativo)
5. Uniforme de Escoteiro Senior do Ar com jaqueta
6. Uniforme de Escoteiro do Mar
7. Uniforme de Escoteiro Senior do Mar (facultativo)



O uniforme de desembarque, de uso facultativo, consta das mesmas peças do uniforme azul-marinho, com as seguintes alterações:

LENÇO — azul-marinho, ou com a côr ou cores características do Grupo.

BLUSA — de brim branco, do mesmo feitio, e botões dourados do uniforme azul-marinho.

Os Escoteiros do Ar usam o seguinte uniforme:

BOINA — preta, de tipo Montgomery, tendo como distintivo a Flôr de Lis com asas, em metal dourado.

CAMISA — azul-mescla, igual à dos Escoteiros da modalidade básica, devendo as mangas compridas ser usadas dobradas para dentro.

CALÇÃO — azul-marinho, altura pouco acima dos joelhos, largo e direito, com um bôlso pequeno embutido na frente e dois bolsos traseiros aplicados, com portinholas, e passadeiras para cinto.

LENÇO, CINTO E MEIAS — iguais aos dos Escoteiros da modalidade básica.

SAPATOS — pretos.

O uso do casquete é permitido no campo, podendo as Regiões, em caso de necessidade, permitir seu uso permanente, com a Flor de Lis com asas, igual à da boina.

Os Escoteiros podem, quando necessário, usar os abrigos adequados para o frio, chuva ou mau tempo, devendo os membros das Secções dos Grupos ser incentivados a usar, tanto quanto possível, abrigos do mesmo estilo e côr.

Os Escoteiros usam, quando necessário, o seguinte equipamento:

CORDÃO COM APITO — de 5mm de diâmetro, passando por cima do lenço e com o apito no bolso esquerdo, sendo: VERDE para os Escoteiros da modalidade básica, AZUL-MARINHO para o uniforme mescla dos Escoteiros do Mar, DOURADO para o uniforme azul-marinho e para o de desembarque dos Escoteiros do Mar, e BRANCO para os Escoteiros do Ar.

BASTÃO — de madeira forte, de 1,50m de comprimento e 3cm de diâmetro, graduado em decímetros, com o decímetro superior graduado em centímetros, e ponteira metálica na extremidade inferior.

MOCHILA — de lona ou brim, cáqui ou verde-oliva.

SACO — tipo escoteiro, de lona branca, cáqui, cinza ou verde-oliva.

CANTIL — de alumínio, prêso do lado esquerdo do cinto ou levado a tiracolo, para uso privativo do dono.

CANIVETE — tipo escoteiro, prêso em mosquetão, do lado direito do cinto.

FACA TIPO ESCOTEIRO — com bainha de couro, prêsa ao cinto (sòmente para Escoteiros que já tenham conquistado a 2ª Classe).

CABO — variando de 3 a 6 metros de comprimento, com 3 a 4 milímetros de diâmetro ($\frac{1}{8}$ "), prêso em mosquestão do lado direito do cinto.

MACHADINHA — com capa de couro, prêsa no cinto à ilharga esquerda (sòmente para Escoteiros que já tenham conquistado a 2ª Classe).

DISTINTIVOS ESCOTEIROS

Os Escoteiros usam no uniforme os seguintes distintivos:

1) *Distintivo de Patrulha* — quatro pontas de cadarço de lã, de cores distintivas para cada Patrulha, tendo 15mm de largura por 10cm de comprimento, pendentos do ombro esquerdo.

NOTA: B. P. indicou as seguintes cores para as Patrulhas, cujos tótems sejam os animais abaixo:

ÁGUIA — verde e preto
ALCARAVÃO — cinzento e verde
ANDORINHA — azul-escuro
ANTÍLOPE — azul-escuro e branco
BÚFALO — vermelho e branco
BULDOQUE — azul-claro e castanho
CÃO — alaranjado
CARNEIRO — castanho
CASTOR — azul e amarelo
CAVALO — preto e branco
CEGONHA — azul e branco
CISNE — cinzento e escarlata
COATI — preto e castanho-claro
COBRA — rosa e branco
CORUJA — azul
CORVO — preto
CUCO — cinzento
ELEFANTE — púrpura e branco
ESQUILO — cinzento e vermelho-escuro
FAISÃO — castanho e amarelo
FALCÃO — castanho e alaranjado
GAIVOTA — azul-claro e escarlata
GALO — vermelho e castanho

GARÇA — verde e cinzento
GATO — cinzento e castanho
GAVIÃO — rosa
GRALHA — preto e vermelho
HIPOPÓTAMO — rosa e preto
JACARÉ — verde e cáqui
JAVALI — rosa e cinzento
LEÃO — amarelo e vermelho
LÔBO — amarelo e preto
LONTRA — castanho e branco
MAÇARICO — verde
MELRO — preto e cáqui
MERGULHÃO — cinzento e amarelo
MORCÊGO — azul-claro e preto
PANTERA — amarelo
PAVÃO — verde e azul
PELICANO — cinzento e roxo
PICA-PAU — verde e roxo
PINGUIM — branco e alaranjado
POMBO — azul e cinzento
RAPOSA — amarelo e verde
RINOCERONTE — azul-escuro e alaranjado
RÔLA — cinzento e branco
TEXUGO — lilás e branco
TIGRE — roxo
TOURO — vermelho
URSO — castanho

OBSERVAÇÃO: As Patrulhas Corvo, Lobo, Maçarico e Touro foram as do acampamento experimental da Ilha de Brownsea (1907); e as Patrulhas Coruja, Cuco, Pica-pau e Pombo foram as do primeiro Curso da Insígnia da Madeira, em Gilwell Park (1919).

2) *Distintivo de Grupo* — lenço de côr uniforme para cada Grupo, sendo que os Escoteiros do Mar podem usar para todos os Grupos o lenço branco ou o azul-marinho.

3) *Distintivo de Região* — pregado junto à costura do ombro direito, podendo ser um dos seguintes, à escolha do respectivo Conselho Regional:

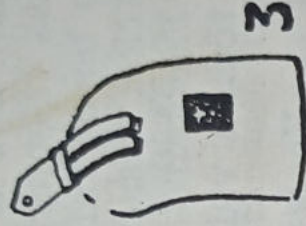
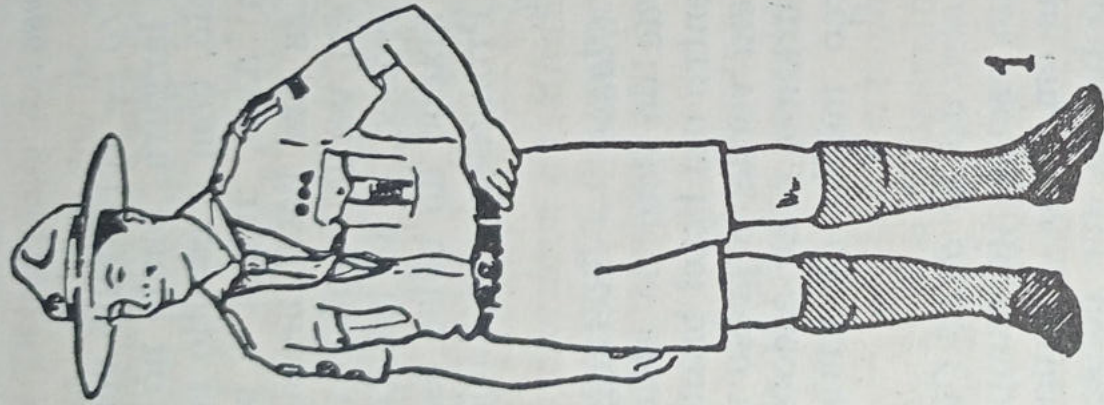
I — cadarço branco com 12mm de largura, tendo bordado ou impresso em azul o número de registro do Grupo, seguido do nome da Região, e, facultativamente, em outra linha, o nome do Grupo; ou

II — Distintivo em forma de escudo, de côr branca, tendo bordado ou em "silk-screen" em azul, ao alto, o nome da Região, e na parte inferior o número de registro do Grupo; ou

III — Distintivo em forma de escudo com o desenho das armas do Estado, Território ou Distrito Federal, nas côres próprias, e o número de registro do Grupo.



1. Uniforme de Escoteiro
2. Boina de Escoteiro do Ar
3. Distintivo de Patrulha
4. Bandeirola de Patrulha
5. Estrêla de atividade
6. Idem
7. Distintivo de Região
8. Fivela de cinto
9. Distintivo de Sub-Monitor
10. Distintivo de Monitor
11. Distintivo de Guia
12. Distintivo Escoteiro
13. Distintivo de 2ª Classe
14. Distintivo de 1ª Classe
15. Distintivo de Especialidade



1



4) *Distintivo de Classe:*

I — *Distintivo Escoteiro* — retângulo verde, de 6cm de altura por 4cm de largura, tendo no centro uma Flor de Lis em amarelo, com o escudo redondo das Armas Nacionais em Azul, frisos e estrêlas brancas. Sob a Flor de Lis um listel branco com a divisa “Sempre Alerta” em verde e prêso no centro do bordo inferior, em branco, o nó escoteiro da Boa Ação. Usado sôbre o macho do bôlso esquerdo pelos Escoteiros desde a Promessa e mantido durante tôda a vida escoteira.

II — *Escoteiro de 2ª Classe* — Retângulo de côr cinza, com escudo verde de 3cm de altura por 4cm de largura, tendo ao centro um listel branco com a divisa “Sempre Alerta” em verde, e prêso ao centro do bordo inferior, em branco, o nó escoteiro da Boa Ação. Usado no têrço médio da manga esquerda.

III — *Brevet de Escoteiro do Ar de 2ª Classe* — Flor de Lis dourada em um escudo de campo azul, entre duas asas espalmadas em ouro. Usado acima do bôlso direito, ao mesmo tempo que conserva no braço esquerdo o distintivo normal de Escoteiro do 2ª Classe.

IV — *Escoteiro de 1ª Classe* — Retângulo cinza com escudo verde de 5cm de altura por 4cm de largura, tendo ao centro uma Flor de Lis em amarelo e sob esta o listel com a divisa “Sempre Alerta”. Usado em substituição ao de Escoteiro de 2ª Classe.

V — *Brevet de Escoteiro do Ar de 1ª Classe* — Igual ao brevet de 2ª Classe, sendo a Flor de Lis e as asas prateadas. Usado em substituição e nas mesmas condições do brevet de 2ª Classe.

5) *Distintivos de especialidades* — de formato circular, de 3,5 cm de diâmetro, com o distintivo correspondente a cada especialidade bordado em cores sobre pano de cor cinza e uma cercadura verde com o nome *Escoteiro*. Os distintivos de Serviço Público são usados na manga esquerda, em torno do distintivo de 2ª Classe ou de 1ª Classe; o distintivo de Primeiros Socorros é usado nas duas mangas, junto ao ombro; os demais são usados na manga direita, entre o ombro e o cotovelo, em fileiras de três, colocados a 5mm um do outro.

6) *Cordões de Eficiência* — um dos seguintes usado em volta do ombro direito, sob a passadeira, com a ponta presa por baixo da portinhola do bolso direito.

I — *Cordão Verde e Amarelo* — para o Escoteiro de 1ª Classe possuidor de 6 distintivos de especialidades;

II — *Cordão Vermelho e Branco* — para o Escoteiro de 1ª Classe possuidor de 12 distintivos de especialidades.

7 — *Estrêlas de Atividade* — Estrêla prateada de seis pontas, de 1,5 cm de diâmetro, sobre fundo verde de 1,7 cm, circular, colocada no peito, do lado esquerdo, acima do bolso, correspondendo a cada ano de atividade. Para cinco anos de atividade é usada a mesma estrêla com a indicação 5 no centro, num círculo vermelho esmaltado, ou 10, 15, 20, 25, 30. O escoteiro continuará a usar as estrêlas conquistadas como Lobinho.

8) *Distintivos de Graduação* — usados pelos graduados:

I — *Sub-Monitor* — um cadarço branco, de 1 cm de largura, colocado verticalmente no centro do macho do bolso esquerdo, com o Distintivo Escoteiro por cima.

II — *Monitor* — Dois cadarços brancos, idênticos, colocados verticalmente nas bordas do macho do bolso esquerdo.

III — *Guia* — Três cadarços brancos, idênticos, colocados verticalmente no bolso esquerdo.

Os distintivos de Escoteiros de 1ª Classe e de Especialidades e os Cordões de Eficiência são autorizados pelo Comissário Distrital ou, em sua falta, pelo Comissário Regional. Os demais distintivos são autorizados pelo Chefe do Grupo.

Em traje comum, o Escoteiro usa na lapela, em metal dourado, um dos seguintes distintivos com o lema "Sempre Alerta": Escoteiro — Flor de Lis simples; Escoteiro do Mar, Flor de Lis com âncora; Escoteiro do Ar, Flor de Lis com águia.

É vedado ao Escoteiro o uso de qualquer distintivo que não faça parte do plano de uniforme, salvo os de atividades especiais, como acampamentos, ajúris ou jâmburis, por tempo determinado.

Os distintivos de instituições mantenedoras de Grupos só podem ser empregados em bandeiras e lenços.

As estrêlas de atividades dependem da frequência regular às atividades escoteiras.

O Distintivo de Escoteiro da Pátria só pode ser concedido a Escoteiro Sênior, mediante processo especial submetido à U.E.B. pela Comissão Executiva Regional.

O uniforme escoteiro é privativo dos membros do Movimento.

A posse de qualquer distintivo escoteiro indica que seu portador é um rapaz cômico dos deveres, devendo o Grupo arrecadá-lo no caso de suspensão ou abandono do Movimento, exceto se, neste caso, merecer conservá-lo como recordação.

CIDADANIA

a) Desenhar a Bandeira Nacional, conhecer o seu simbolismo, saber içá-la e arriá-la, e as honras que lhe são devidas.

b) Saber cantar em conjunto o Hino Nacional e o Hino da Bandeira.

BANDEIRA NACIONAL

O Brasil, através de seus períodos históricos. — Colônia, Vice-reino, Reino, Império e República — adotou vários tipos de bandeiras, cada um sintetizando as aspirações e instituições da época. Com a proclamação de nossa independência as antigas cores portuguesas foram postas de lado e D. Pedro legou-nos as cores verde e amarela, que no desenho de Debret tomaram as formas, respectivamente, de retângulo e losango.

O verde era a cor simbólica da Casa de Bragança, a que pertencia D. Pedro, e o amarelo a da Casa de Lorena, de que descendia D. Leopoldina. Mas a idéia que levou D. Pedro a adotar essas cores, foi a de deixar no Pavilhão do Brasil as cores naturais da terra — “verde de primavera e amarelo de ouro”. Ao proclamar a nossa independência, arrancando o tope português do chapéu, disse “Laços fora! Doravante teremos todos outro laço de fita, verde e amarelo! Serão as cores nacionais!” E o

laço passou a ser usado por todos os patriotas com o dístico: "Independência ou morte!".

A primeira bandeira do Brasil soberano teve o seguinte desenho: um campo retangular verde, tendo ao centro um losango amarelo; dentro desse losango as armas imperiais cercadas de ramos de café e fumo. Nas armas imperiais foram conservados os símbolos tradicionais: a Cruz de Cristo, a esfera armilar, o céu e as estrêlas representativas das províncias.

Com a proclamação da República, vários foram os projetos de bandeiras apresentados. Mas, da mesma forma que em relação ao Hino, prevaleceu a tradição. Apenas as armas imperiais foram substituídas por uma esfera azul atravessada por uma faixa branca representando o zodíaco, tendo a inscrição "Ordem e Progresso" como novo lema do Brasil; e na esfera azul 21 estrêlas simbolizando os Estados e o Distrito Federal; e, a partir de 21 de abril de 1960, mais uma representando o Estado da Guanabara, sem indicação de nome.

Os Territórios, por não terem autonomia política, não se acham representados na Bandeira.

O idealizador da Bandeira Republicana não perdeu de vista as tradições nacionais. Ao lado das cores verde e amarela, em suas formas primitivas, manteve a esfera azul, as estrêlas representativas das províncias, e, no Cruzeiro do Sul, perpetuou a Cruz de Cristo que nos acompanha desde o descobrimento.

Quando tiveres de "içar" a Bandeira, liga a "adriça" na "tralha" por meio de "nós" que adaptem os "chicotes" às "alças" ou pontas da tralha. A isto é que chamamos "envergar" a Bandeira. Terás o cuidado de verificar se as letras do lema estão de cabeça para cima. Içarás a Bandeira até que esteja

laço passou a ser usado por todos os patriotas com o dístico: "Independência ou morte!".

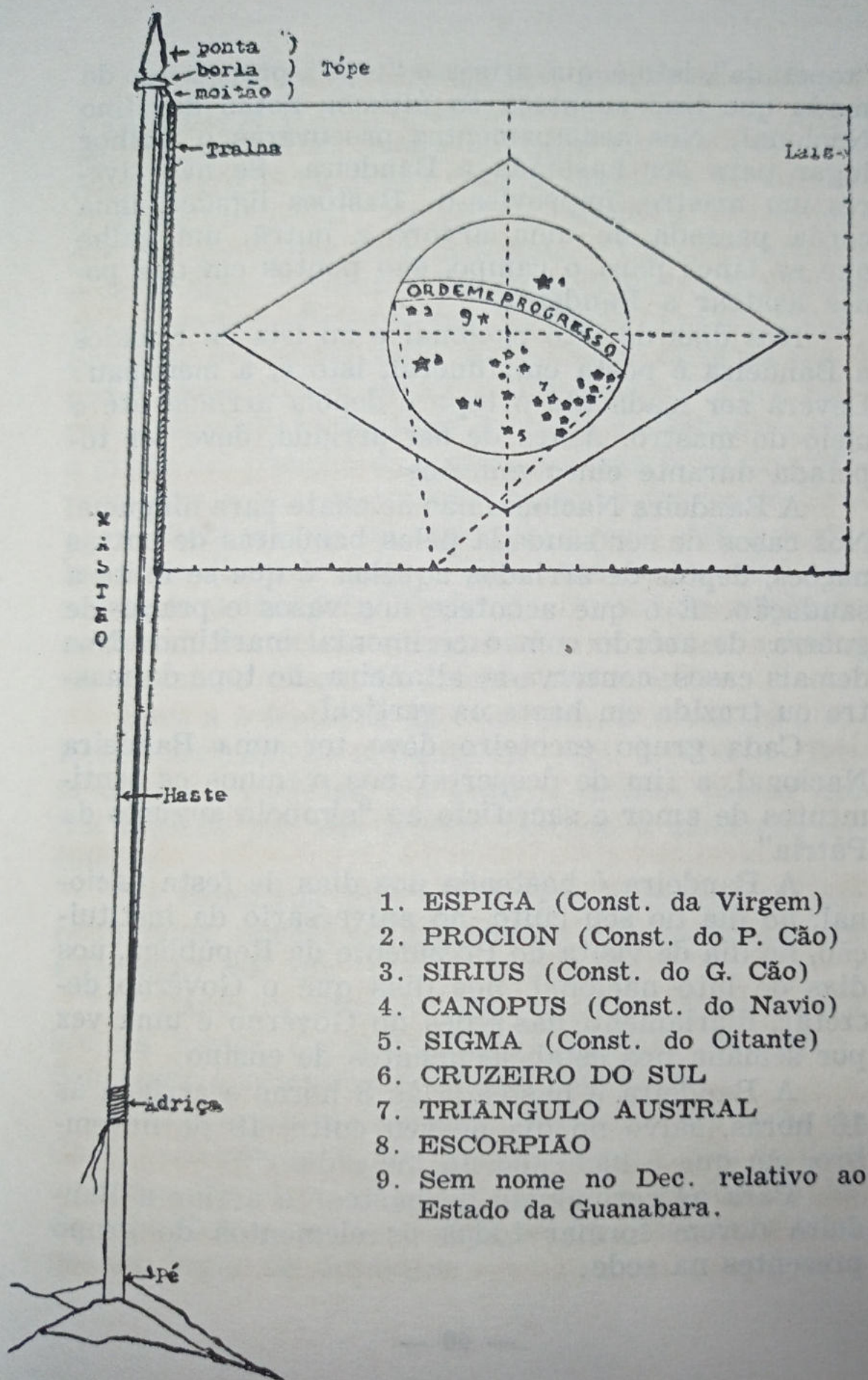
A primeira bandeira do Brasil soberano teve o seguinte desenho: um campo retangular verde, tendo ao centro um losango amarelo; dentro desse losango as armas imperiais cercadas de ramos de café e fumo. Nas armas imperiais foram conservados os símbolos tradicionais: a Cruz de Cristo, a esfera armilar, o céu e as estrêlas representativas das províncias.

Com a proclamação da República, vários foram os projetos de bandeiras apresentados. Mas, da mesma forma que em relação ao Hino, prevaleceu a tradição. Apenas as armas imperiais foram substituídas por uma esfera azul atravessada por uma faixa branca representando o zodíaco, tendo a inscrição "Ordem e Progresso" como novo lema do Brasil; e na esfera azul 21 estrêlas simbolizando os Estados e o Distrito Federal; e, a partir de 21 de abril de 1960, mais uma representando o Estado da Guanabara, sem indicação de nome.

Os Territórios, por não terem autonomia política, não se acham representados na Bandeira.

O idealizador da Bandeira Republicana não perdeu de vista as tradições nacionais. Ao lado das cores verde e amarela, em suas formas primitivas, manteve a esfera azul, as estrêlas representativas das províncias, e, no Cruzeiro do Sul, perpetuou a Cruz de Cristo que nos acompanha desde o descobrimento.

Quando tiveres de "içar" a Bandeira, liga a "adriça" na "tralha" por meio de "nós" que adaptem os "chicotes" às "alças" ou pontas da tralha. A isto é que chamamos "envergar" a Bandeira. Terás o cuidado de verificar se as letras do lema estão de cabeça para cima. Içarás a Bandeira até que esteja



“topetada”, isto é, que atinja o “tope”, procedendo de modo que isso aconteça às últimas notas do Hino Nacional. Nos acampamentos procurarás o melhor lugar para ser hasteada a Bandeira. Se não tiveres um mastro, improvisa-o. Bastões ligados, uma corda passada de uma árvore a outra, um galho que se lance para o campo, são pontos em que podes hastear a Bandeira.

Nos dias de luto nacional e no Dia de Finados a Bandeira é posta em funeral, isto é, a meio-pau. Deverá ser içada até o tope e depois arriada até o meio do mastro. Antes de ser arriada, deve ser topetada durante cinco minutos.

A Bandeira Nacional não se abate para ninguém. Nos casos de ser saudada pelas bandeiras de outras nações, depois de arriadas aquelas é que se imita a saudação. É o que acontece nos vasos e praças de guerra, de acôrdo com o cerimonial marítimo. Nos demais casos, conserva-se altaneira, no tope do mastro ou trazida em haste na vertical.

Cada grupo escoteiro deve ter uma Bandeira Nacional, a fim de despertar nos meninos os sentimentos de amor e sacrifício ao “símbolo augusto da Pátria”.

A Bandeira é hasteada nos dias de festa nacional, no dia do seu culto, no aniversário da instituição, no dia de visita do Presidente da República, nos dias de luto nacional, nos dias que o Govêrno decretar, diàriamente nas sedes do Govêrno e uma vez por semana nos estabelecimentos de ensino.

A Bandeira é hasteada às 8 horas e arriada às 18 horas, salvo no dia de seu culto, 19 de novembro, em que é hasteada ao meio dia.

Para as cerimônias de hastear e arriar a Bandeira devem formar todos os elementos do grupo presentes na sede.

A Bandeira é recebida pelo grupo em qualquer formação. O porta-bandeira, acompanhado da guarda, coloca-se a 10 passos do lugar em que deve formar, em frente ao Grupo, com a Bandeira ao ombro. O chefe comanda: "Tropa!, à Bandeira, em saudação!" O porta-bandeira desfralda a Bandeira até que o chefe diga: "Alerta!" Pondo a Bandeira, novamente, ao ombro, dirige-se com a guarda para seu lugar. Sòmente depois de estar a Bandeira incorporada é que o chefe poderá mandar "Descansar!" Para retirar a Bandeira procede-se de modo semelhante: com o grupo em posição de sentido o porta-bandeira retira-se com a guarda para 10 passos à frente do Grupo; o chefe manda em saudação e após esta o porta-bandeira dirige-se para o lugar onde é guardado comumente o Pavilhão Nacional. Durante a saudação as demais bandeiras e estantartes se abatem e todos os elementos olham fixamente a Bandeira.

Para a solenidade da Promessa, a Bandeira é colocada desfraldada à frente da tropa escoteira. Terminada a Promessa, os noviços podem passar em fila indiana por sua frente, fazendo a saudação escoteira.

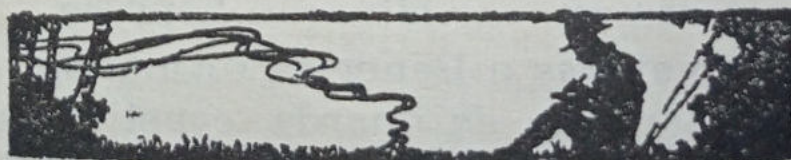
As bandeiras que não podem mais servir, por estragadas, devem ser guardadas e incineradas com solenidade no dia 19 de novembro.

A Bandeira Nacional não pode ser colocada sôbre as mesas de solenidades, servindo de fôrro. Seu lugar é sempre em situação honrosa.

Nas formaturas a Bandeira forma logo atrás do Chefe, acompanhada da guarda, constituída de dois ou cinco Escoteiros, com bastões, à direita se há duas bandeiras, ou ao centro, se há mais, mas sempre em lugar de destaque.

Seu hasteamento ou arriamento em mastro deve obedecer ao cerimonial escoteiro. O Chefe designa dois Escoteiros, os quais, depois de descobertos, desfazem o nó da adriça, ficando o que vai hastear ou arriar ao pé do mastro, com o cabo em punho, enquanto o outro se desloca para o lado, com a Bandeira ou cabo respectivo, formando um triângulo retângulo, para que a Bandeira, ao subir ou descer, fique desfraldada e bem presente à Tropa. Terminada a disposição o mais graduado diz: "Bandeira alerta, Chefe!", Este comanda: "Tropa, à Bandeira, em saudação!", desfazendo-se esta ao se concluir o ato com a voz: "Tropa, alerta! Descansar!" Os Escoteiros encarregados da cerimônia cobrem-se novamente, fazem a saudação e se recolhem à Tropa.

Para desenhares a Bandeira Nacional toma uma medida qualquer M, chamado módulo, digamos um centímetro. O comprimento deverá ser 20M e a largura 14M. Traçados os dois eixos, o losango amarelo terá como vértices pontos a 1,7M das extremidades. O raio do círculo será de 3,5 M. O raio do arco inferior do bálteo ou faixa branca terá como centro um ponto a 2M à esquerda do meio inferior do retângulo, ficando o superior a 0,5 M. As letras e as estrêlas serão desenhadas na posição indicada no desenho e nas devidas proporções.



HINOS

O canto é uma das mais sublimes manifestações do sentimento humano. Aspirando à perfeição, não pode o escoteiro deixar em segundo plano o aprendizado do canto. Além dos hinos que despertam os sentimentos patrióticos, aprenderá as canções da vida escoteira e as melodias que refletem a alma do povo brasileiro.

No cerimonial militar encontram-se as seguintes instruções a respeito dos hinos:

a) As bandas de música militares só executarão o Hino Nacional nos dias de festa nacional e nas continências à Bandeira, ao Presidente da República e aos altos poderes Judiciário e Legislativo do país.

b) O Hino Nacional não se interrompe; a duração da continência é a duração do Hino Nacional.

c) No dia 7 de setembro, por ocasião da alvorada e nas retretas, as bandas de música militares executarão o Hino da Independência, no dia 15 de Novembro, o da Proclamação da República; e no dia 19 de novembro o Hino da Bandeira.

As instruções acima prescritas devem ser observadas nos grupos de escoteiros no que lhes tocar. Por outro lado importa que os escoteiros conheçam os outros hinos, além do Nacional e da Bandeira, para que se conservem em posição de alerta quando são executados nos casos previstos.

A saudação deve ser feita quando os hinos são executados por bandas de música; quando os hinos são cantados, a posição é apenas de alerta, mesmo quando içam ou arriam a Bandeira. Para a recepção e retirada da Bandeira em formaturas, não é preciso que cantem o Hino Nacional.

O Hino Nacional foi composto por Francisco Manuel da Silva para a coroação de D. Pedro II, em 1841. Quando se proclamou a República fêz-se um concurso para a adoção de novo hino; mas, ao se executarem as composições premiadas, Deodoro, recordando a tradição e as glórias da música de Francisco Manuel, ordenou à banda: "Toca o velho!". E assim conservámos as mesmas notas que animaram muitas gerações de brasileiros, hoje seguidas da letra que lhes apôs Osório Duque Estrada.

O Hino da Bandeira é de autoria de Francisco Braga; os magníficos versos, de Olavo Bilac. O Hino da Independência tem sua música atribuída a D. Pedro I; o arranjo musical é de Francisco Flores e a letra de Evaristo da Veiga. O Hino da Proclamação da República, premiado em 1º lugar para substituir o "velho", foi composto por Leopoldo Miguez, escrevendo a letra Medeiros de Albuquerque.



HINO NACIONAL

Música de *Francisco Manuel*

Letra de *Osório Duque Estrada*

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas,
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade em raios fúlgidos
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte.
Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.
Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada,
Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil.

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo-Mundo.

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flôres;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida”, em teu seio, “mais amores”.
Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.
Mas se ergues da Justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada.
Entre outras mil,
Ês tu, Brasil,
Ó Pátria amada,.
Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DA BANDEIRA

Música de *Francisco Braga*

Letra de *Olavo Bilac*

Salve, lindo pendão da Esperança,
Salve, símbolo augusto da Paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil!
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul...

Recebe o afeto que se encerra, etc.

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever;
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser.

Recebe o afeto que se encerra, etc.

Sôbre a imensa Nação Brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor.
Paira sempre, sagrada Bandeira,
Pavilhão da Justiça e do Amor!

Recebe o afeto que se encerra, etc.

SAÚDE

a) Conhecer os primeiros cuidados de higiene individual.

b) Saber tratar de um ferimento e aplicar um curativo com os cuidados necessários para evitar uma infecção.

c) Saber improvisar uma maca.

HIGIENE INDIVIDUAL

Cuidados gerais — Deves observar atentamente os seguintes:

Tomar banho diàriamente.

Não conservar roupa molhada no corpo.

Conservar a cabeça fria e os pés quentes.

Comer pouco e lentamente, mastigando bem os alimentos.

Beber, diàriamente, em jejum, um copo de água fresca.

Conservar os intestinos livres, indo diàriamente, em hora certa, à privada.

Não cuspir no chão.

Evitar os lugares de grande aglomeração.

Evitar beijos e apertos de mão.

Tratar bem os animais sem acariciá-los.

Não passar a língua em selos e envelopes.

Comer diàriamente legumes e frutas frescas, evitando guloseimas.

Não introduzir metais na bôca.

Conservar o corpo sempre têso, erecto, com os ombros empinados.

Procurar estar sempre alegre.

Cuidados especiais:

Com a bôca: escovar os dentes de amanhã e à noite, e, pelo menos, passar-lhes água depois das refeições. Mandar examinar os dentes de quatro em quatro meses, obturando os cariados.

Com a garganta: não respirar pela bôca. Gargarejar com desinfetante quando a garganta estiver inflamada. Cantar para exercitar a garganta.

Com o nariz: lavá-lo diàriamente. Não se assoar tapando as narinas.

Com os ouvidos: não retirar a cêra com grampos e palitos.

Com os olhos: não esfregar os olhos com os dedos. Não ler com livro muito perto dos olhos. Descansar a vista de vez em quando, ao ler tipos muito miúdos. Procurar ler recebendo a luz pela esquerda. Ao sentir qualquer anormalidade da visão procurar um especialista.

Com as mãos: lavar as mãos antes das refeições, depois de haver tocado em dinheiro ou à mão de alguém, de ter saído da privada. Escovar as unhas, conservá-las curtas. Não roer as unhas.

Com a respiração: respirar sempre pelo nariz e mandar examiná-lo pelo médico quando não o puder fazer normalmente.

Com a habitação: morar em casas arejadas, batidas pelo sol, com terreno limpo em tórno. Evitar cortinas e tapêtes. Dormir com as janelas abertas.

Com o sono: deitar-se e levantar-se a horas certas, dormindo pelo menos 8 horas. Não cobrir a cabeça com o lençol.

Com a água: só beber água potável, fervendo a de procedência duvidosa.

Descansar depois das horas de trabalho, procurando distrações e outros ares.

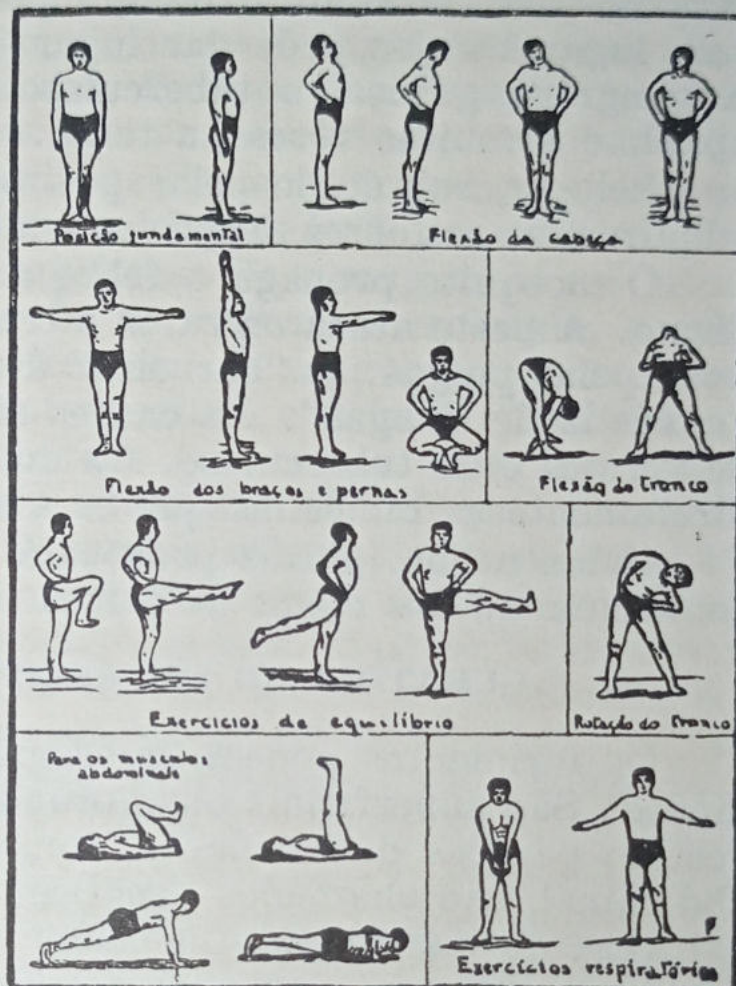
Com o vestuário: usar roupas que se prestem às estações do ano, que facilitem os movimentos e transpiração; chapéus que protejam dos raios solares e sapatos que se adaptem ao feitio do pé. As roupas internas devem estar sempre limpas.

Vícios: O fumo e o álcool são prejudiciais à saúde. O fumo ataca o aparelho digestivo, aumenta as lesões, excita o sistema nervoso, prejudica o asseio. O álcool intoxica o organismo, despersonaliza o indivíduo, avilta-o perante a sociedade, origina desastres e crimes.

Respeito ao corpo: Deus nos deu o corpo para servir a alma. Quem não respeita o corpo, sujeitando-o a imoralidades, degrada a alma e ofende a Deus. Um corpo arruinado por excessos contra a natureza, torna-se incapaz de atender ao apêlo da Pátria. Quem jurou servir a Deus e à Pátria, deve manter-se com dignidade, conservando o corpo livre de impurezas que atacam também a alma. Sê sempre homem em teus pensamentos, palavras e ações. Ser um simples animal, qualquer um pode ser. Mas "ser homem" é fato que depende de fôrça de vontade. Quando tiveres um pensamento mau, canta, assovia, reza, distrai-te. Lembra-te de que nunca estás só: tens constantemente diante de ti Deus e a Pátria.

Ginástica: Para a conservação de tua saúde e do vigor físico de teu corpo, deves fazer diàriamente movimentos ginásticos, correspondentes aos diversos músculos e órgãos.

Movimentos para os músculos do pescoço, flexão de braços e pernas, flexão do tronco, movimentos giratórios do tronco, exercícios de equilíbrio, exercícios para os músculos abdominais, exercícios respiratórios.



O contágio das doenças: Eis algumas observações para se evitarem males de forma epidêmica:

As moléstias contagiosas são tôdas produzidas por seres vivos. A passagem do elemento causador do mal do indivíduo contaminado para o são é que se chama contágio. Esse pode dar-se diretamente, pelo contato imediato, ou indiretamente, por meio da água, do solo, do ar, dos animais, da comida, do vestuário, dos objetos de uso.

O cólera, o tifo e a disenteria propagam-se pela água. O mesmo se dá com a verminose (solitárias, lombrigas, opilação). Certas ervas crúas podem vir contaminadas pela água. O tétano e o carbúnculo vêm do solo. O contato de um pequeno ferimento com lugares sujos pode dar lugar à contaminação. A gangrena gasosa, a tuberculose, os vermes, são apanhados muitas vezes na terra.

Pelo ar, sobretudo pelas poeiras em suspensão, adquirem-se as febres eruptivas e a tuberculose.

O mosquito propaga a febre amarela e o paludismo. A peste ataca os ratos e transmite-se ao homem pelas pulgas. O “barbeiro” é o transmissor da “moléstia de Chagas”. As carnes são transmissoras de vermes e da tuberculose. Os doentes transmitem diretamente as moléstias que os atacam.

Estas noções gerais provocam, naturalmente, o conhecimento dos meios de defesa necessários.

CURATIVO DE UM FERIMENTO

Os ferimentos podem apresentar-se de diversos modos. São superficiais ou profundos. Os que atravessam paredes de cavidades, como a torácica ou a abdominal, são chamados penetrantes. Atendendo à natureza do instrumento causador do ferimento, temos os “cortantes”, causados por lâminas afiadas; os “perfurantes”, produzidos por instrumentos que penetram os tecidos; “contundentes”, quando originados pela pancada de objetos sólidos. As balas ocasionam ferimentos contusos e penetrantes. Há, ainda, os ferimentos provocados por instrumentos ou peças que arrancam membros ou partes de tecidos. O aspecto e a gravidade de cada um desses casos devem merecer tua observação atenta, para que possas tomar uma atitude segura e adequada, de modo a atender à vítima e solicitar o necessário socorro.

O curativo de um ferimento deve obedecer às seguintes normas: limpar o ferimento com água oxigenada, líquido de Dakin ou outro antisséptico imediatamente à mão; aplicar o medicamento indicado para o caso; cobrir com gaze e, se necessário, proteger com algodão por cima da gaze; ligar tudo com ataduras ou esparadrapo. Para os pequenos ferimentos usar iodo e para os demais mercúrio-cromo.

Os ferimentos cortantes e perfurantes produzem perda de sangue, proveniente de lesão em artéria, veia ou rede de vasos capilares. Se o sangue sai em jatos ou golfadas, tem cor vermelha ou escarlate, é que uma artéria foi ofendida. O sangue que corre das veias é escuro e sai em filete contínuo. Conforme o local do ferimento tens que tomar uma resolução, socorrendo a vítima enquanto não chegam socorros mais eficientes. O sangue arterial vem do coração para as diversas partes do corpo; desta forma tens que procurar comprimir o vaso entre o ferimento e o coração. O sangue venoso vai das extremidades para o coração; tens que operar de modo contrário, fazendo pressão entre o ferimento e a extremidade de onde vem o sangue. Extinta a hemorragia ou diminuído o fluxo sanguíneo, terás que tratar da desinfecção da ferida imediatamente, pois o instrumento causador da lesão poderá concorrer para a contaminação do corpo ou mesmo haver impurezas à superfície deste ou do local.

SABER IMPROVISAR UMA MACA

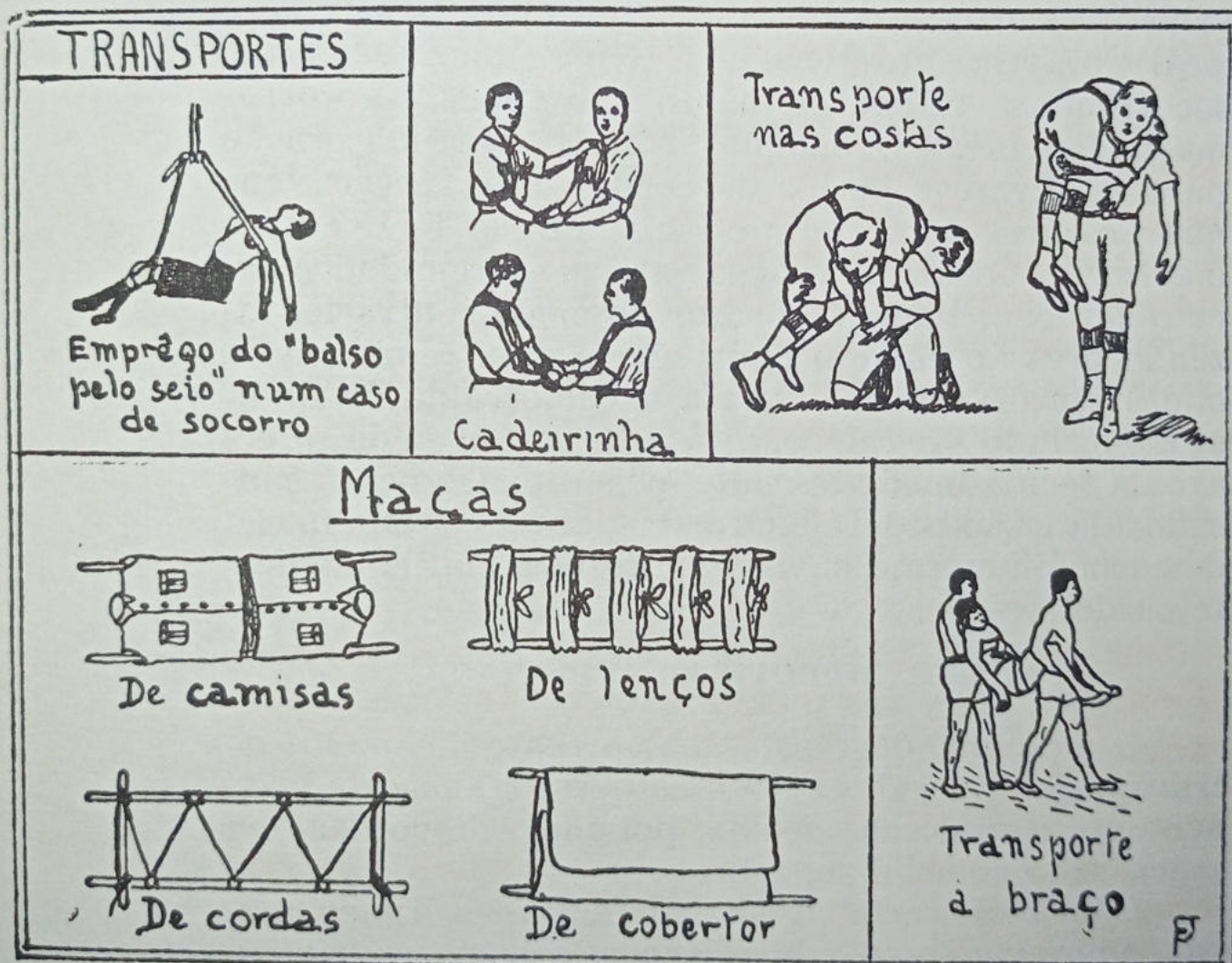
O escoteiro deve estar ao corrente dos meios de transporte de feridos e doentes. Esse transporte pode ser feito à mão, nas costas, por meio de cordas, em maca, em cadeirinhas, a braço.

Com o material escoteiro fazem-se ótimas macas, empregando-se cabos, lenços, cobertores, cintos,

camisas. Para os casos de tração de um indivíduo desmaiado ou incapaz de locomover-se num prédio incendiado, por exemplo, usam-se os nós "lais de guia" e "balso pelo seio".

No transporte em macas devem ser observados os seguintes cuidados: experimentar antes a maca, carregá-la horizontalmente, conjugar os passos, observar as feições do paciente, muita atenção ao descarregá-la.

Damos em seguida desenhos ilustrativos.



PIONEIRIA

Saber falcassar um cabo. Fazer os seguintes nós, sabendo suas aplicações e seus nomes: direito, escota, volta de fiel, volta da ribeira, volta redonda com cotes, lais de guia e volta do saltador.

O CABO ESCOTEIRO

A corda que os escoteiros usam denomina-se "cabo". As pontas de um cabo chamam-se "chicotes". Numa "alça" ou num "anel", a parte curva do cabo tem o nome de "seio" e a parte distendida "firme". Dizemos "rondar um cabo" quando o retezamos, desfazendo o seio.

O cabo pode ser "torcido" ou "trançado". O cabo é formado de "cordões" feitos de fios de algodão ou de outras fibras. Os cordões denominam-se "cochas". Quando o cabo se desfaz, afrouxando-se as cochas, mandamos "cochar", isto é, unir as cochas por meio de torção.

"Costurar" dois cabos é emendá-los trançando as cochas. Para que o cabo não se "descoche", preparamos os chicotes por meio de "falcassas" ou por meio de "costuras". Se precisamos de "alças", "dobramos" o cabo e lhe aplicamos um "botão" ou costuramos as cochas no firme. A falcassa também serve para ligar dois paus. Para retirá-la devemos "folgar" o cabo, isto é, afrouxá-lo.

“Alar” significa puxar o cabo. Para afrouxá-lo aos poucos dizemos “solecar”. Quando o cabo não corre dizemos que “mordeu”. “Gurnir” significa na gíria náutica enfiar e “dobrar”, é duplicar o cabo. Para fazer uma rodilha com o cabo, manda-se “colher”; e para firmar a rodilha com cordas, manda-se “aduchar”. Quando se liga um cabo a outro ou a uma ferragem destinados a armações ou reboques, diz-se “aboçar”; e “boça” é o cabo empregado nesse serviço.

“Içar” é suspender e “arriar” é descer. “Envergar” é ligar o pano à “adriça”, para o colocar no mastro.

Esses termos devem ser familiares aos Escoteiros, pois têm uma significação determinada e evitam explicações do que se quer.

Há uma grande variedade de nós e de voltas, mas o P.O.R. exige do Noviço os seguintes:

NÓ DIREITO — para emendar dois cabos de diâmetros iguais. Pode ser usado com uma alça para desfazer-se rapidamente.

NÓ DE ESCOTA — para ligar cabos de diâmetros diferentes ou para ligar um chicote a uma alça.

VOLTA DO FIEL — para prender um cabo a uma árvore, bastão, estaca, mastro, o que se consegue encapelando, se há altura ou condição, ou dando duas voltas cruzadas que se apertam puxando os chicotes. É chamado também “nó de porco” e usado comumente por ser fácil e firme.

VOLTA DA RIBEIRA — para prender um chicote a um mastro, árvore ou barra, ficando mais apertado e firme à medida que se puxa.

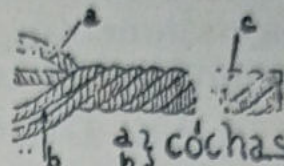
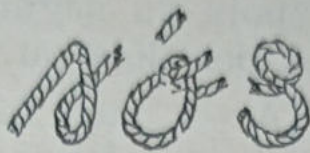
VOLTA REDONDA COM COTES — para firmar uma espia numa estaca ou numa árvore, de



Cabo Torcido



Cabo Trançado



c - Cabo cochado



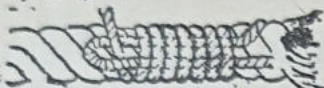
a - Seio
b - firme
c - chicones



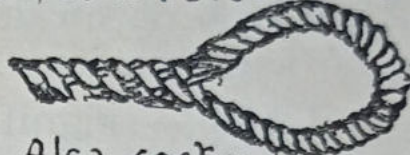
Cabo aduchado



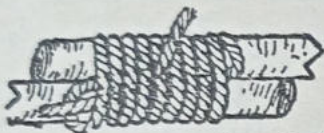
Alças com botões (a-b)



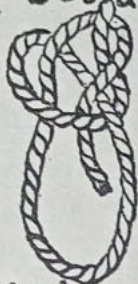
chicote falcassado e costurado



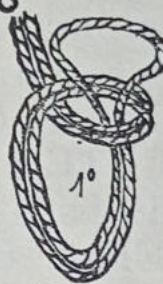
Alça costurada



Falcassa em bastões



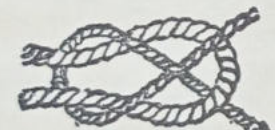
Lais de guia



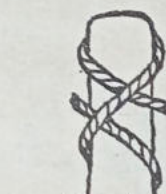
Balsapelo-seio (1º, 2º e)



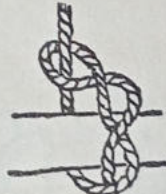
Nó direito



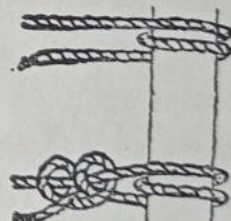
Nó de escôta



Volta de fiel



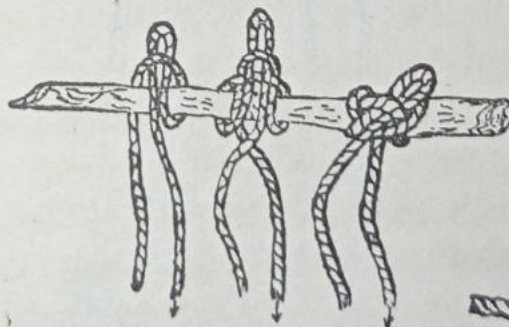
Volta da Ribeira



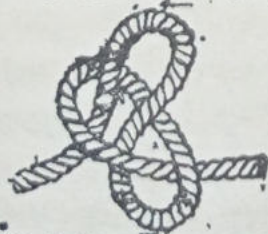
Volta redonda
com 2 cortes



Nó de grade



Volta do saltador



Nó de correr



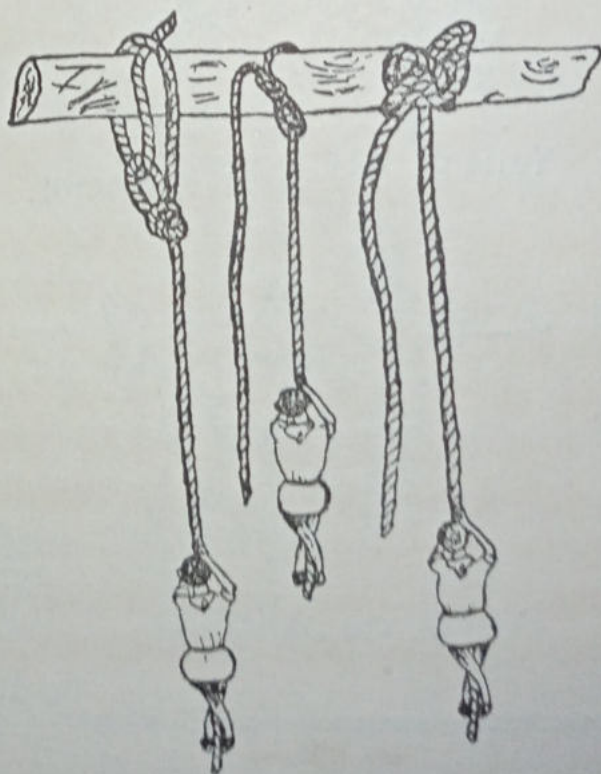
Nó direito com alça

modo a ser desfeita com facilidade para qualquer reajustamento. Depois da segunda volta o chicote é mantido na espia por dois ou mais cotes.

LAIS DE GUIA — para formar uma alça firme, que não aperte com a tensão. Útil para manter um animal prêso a uma soga, sem perigo de enforcamento, assim como em casos de socorro por tração.

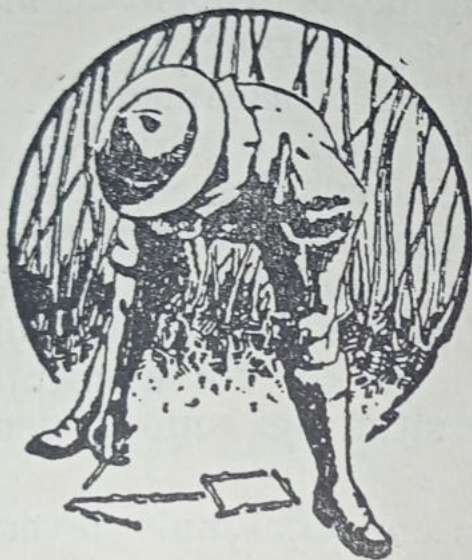
VOLTA DO SALTEADOR — usada para se descer de um ponto alto e depois se colhêr o cabo. É um tipo de nó de evasão, de modo a ser desfeito o nó à distância.

LAIS — significa ponta (de vêrga, soga, bandeira). **GUIA** é um cabo, corda ou correia longa, para prender animal ou ainda o cabo de meter o leme. **BALSO** é um cabo ou amarra. **VOLTA** é uma combinação de cotes e meias voltas com o próprio cabo. **COTE** é uma meia-volta. **ESCOTA** é o cabo empregado para caçar velas. **FIEL** é um cabo delgado. **RIBEIRA** é a margem onde se põem a sêco os navios ou barcos.



OBSERVAÇÃO

Conhecer, pelo menos, onze sinais de pista ou de estrada, usados pelos Escoteiros, e fazer ou seguir uma pista de 800 metros, usando êstes sinais.



QUEM lê as narrativas de Karl May sôbre aventuras no Oeste americano ou nos desertos do Velho Continente encontra a todo instante magníficas observações sôbre pistas. Aos poucos o espírito se aguça e se habitua a não perder os mínimos detalhes do trecho, atinando muitas vêzes com o desfêcho de certos acontecimentos pela

simples fixação de um sinal deixado à margem de um caminho, num galho de árvore. A pessoa passa a viver com as próprias personagens e no fim já se considera um verdadeiro "homem do oeste"...

Estou certo de que gostarias de algumas explicações relativas a tão interessante assunto. Mas eu te aconselho a leitura dos livros de Karl May e de Kipling, nos quais aprenderás não apenas o que é na verdade "uma pista", mas também história, geografia, ciência e moral.

Nas estradas, nos campos e no mato encontramos sinais deixados no chão, nas árvores e nos rios,

por animais ou pessoas. A essas pegadas, quando tomadas numa direção e com um fim, é que denominamos "pista". Seguir uma pista exige observações que põem em jogo a acuidade dos sentidos e o vigor da inteligência. Quem se dedica a essa atividade adquire conhecimentos muito úteis e elevado grau de percepção das coisas.

Naturalmente que seguir uma pista real para a descoberta de um animal ou pessoa, demanda oportunidades e interêsses que muitas vêzes nos escapam. Por isso é que os Escoteiros iniciam o aprendizado utilizando sinais convencionais próprios, colocados em pontos que facilitam a observação.

O aprendizado da pista feito teòricamente, na sede, não pode ter significado, pois o objetivo é habituar o Escoteiro com as observações naturais. São, assim, criadas oportunidades para a aquisição do conhecimento, objetivando a acuidade dos sentidos e o jogo do raciocínio. Uma história inventada durante uma excursão, a procura de um elemento fugido do acampamento, são situações que podem parecer reais.

No aprendizado dos sinais convencionais deverá o Chefe observar o seguinte:

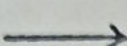
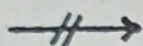
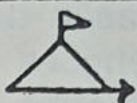
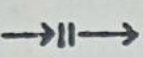
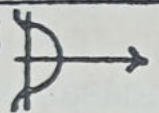
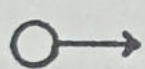
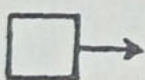
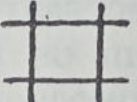
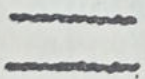
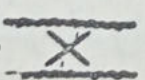
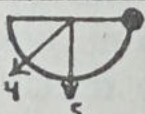
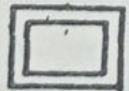
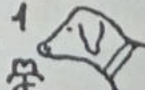
a) Os sinais são feitos à direita dos caminhos com indicação de quem os fêz.

b) Os sinais devem ser visíveis, feitos em sulcos bem claros na terra, com giz amarelo nas pedras escuras, com giz vermelho nas pedras brancas, com giz branco nas árvores, com pedaços de madeira ou pedras nos campos.

c) Quando venta não podem ser utilizados papéis ou fôlhas.

d) Os sinais não devem ser traçados a mais de um metro de altura do solo.

Sinais de Pista

1  Caminho a seguir	12  O jogo ainda não começou (paz)
2  Caminho a evitar	13  O jogo já começou (guerra)
3  Siga 2 kms. nesta direção Cada traço indica um quilômetro	14  O acampamento é nesta direção
4  Salte o obstáculo	15  Sinal de perigo
5  Siga a roda presa nesta direção	16  2 seguiram nesta direção e 3 nestoutra.
6  Voltei ao ponto de reunião	17  Começo de pista
7  Objeto oculto a 4 passos nesta direção (pode indicar o nº de passos no quadro)	18  Fim de pista
8  Água boa para beber	19  Indicação de horas 1-6 da manhã 2-9 horas 3-12 horas
9  Água má para beber	20  4 - 21 horas 5 - 24 horas
10  Espere-me aqui (pode indicar os minutos no quadro)	21  3 objetos em ordem indicam pedido de socorro.
11  Voltem todos ao ponto de reunião	22  Monitor (nº 1) da patrulha do cão da A.E. do Minas Tennis Clube
	

e) Nos cruzamentos de estradas deve ser sempre colocado o "caminho a evitar" nas que não vão ser utilizadas.

f) Nos lugares de movimento devem ser feitos muitos sinais.

g) Os sinais devem ser traçados obedecendo à condição do terreno: em terrenos difíceis, de 2 em 2 metros, nas rochas de 5 em 5, nas matas de 20 em 20, nos campos de 30 em 30 metros.

h) Nos casos de interesse geral não empregar sinais de convenções limitados à patrulha e sim os adotados geralmente.

i) Organizar jogos vivos e atraentes para prender a atenção dos Escoteiros, tais como "procura de tesouros", "negro fugido", "caça ao criminoso", etc.

Onze são os sinais empregados em nossas atividades. Outros podem ser convencionados pelos Escoteiros. Nos desenhos apresentados damos indicações dos principais. Nas indicações de horas, muitas vezes necessárias, como "espere-me aqui às 15 horas", devem os Escoteiros empregar os sinais 19 e 20, não esquecendo de colocar do lado do nascente um círculo indicando o Sol, para o cálculo das horas.

O sinal de "perigo" deve ser colocado onde quer que exista algum, sobretudo onde há "caminho a evitar" por êsse motivo.

Os elementos de uma patrulha são sempre numerados: 1 — o monitor, 2 — sub-monitor, e os restantes em ordem crescente pela antigüidade na classe, pela classe, e pela antigüidade na patrulha.

Os sinais de socorro são feitos com três objetos colocados em ordem ou por três tiros, três fumos. Com o apito ou busina é o SOS.

MODALIDADES

Prestar as provas de sua modalidade:

BÁSICA:

a) Fazer 1.600 metros em passo escoteiro, em mais ou menos 12 minutos, sem se cansar, e, mostrando regularidade de tempo (diferença de um minuto, no máximo), em duas tentativas feitas com intervalo de uma semana.

b) Escolher o local para armar uma barraca, levando em conta o terreno e a direção do vento reinante.

MAR:

a) Nadar 50 metros.

b) Saber de onde vem o vento e para onde corre a maré.

c) Saber empatar e iscar um anzol.

AR:

a) Conhecer a nomenclatura geral de um avião.

b) Saber determinar a direção do vento reinante e o meio prático de indicá-lo de dia e à noite a um piloto que procura aterrar.

MODALIDADE BÁSICA

PASSO ESCOTEIRO

O passo do Escoteiro é digno de toda atenção. Pode servir para medir distâncias, como para calcular tempo, sabendo-se a extensão do passo normal e o tempo comumente gasto em percorrer certos limites. De minha casa à escola são 900 metros; andando normalmente, em meu passo de 75 centímetros, venço a distância em 15 minutos; são 60 metros por minuto, que percorro dando 80 passos; se disponho apenas de 10 minutos para chegar à hora, tenho que passar da marcha normal para uma cadência mais rápida, dando 120 passos por minuto, num ritmo de soldado em parada.

Quanto mede teu passo? Podes aferí-lo da seguinte forma: no passeio de tua rua marca uma distância de 100 metros; faze o percurso três vezes, contando os passos de cada vez; soma o total dos passos e divide o resultado por 3, achando, assim, a média de teus passos em 100 metros; dividindo este número pela média de teus passos, terás teu passo aferido. Exemplo: média dos passos, 142; 100m divididos por 142 passos, igual a 0,70m; teu passo normal mede 70 centímetros.

Caminhando podemos dar 80 passos por minuto; em marcha cadenciada normal chegamos a 110 passos; em ritmo de parada, 120 passos; em marcha acelerada, correndo, não apenas o passo é mais extenso, como podemos dar até 180 passos por minuto.

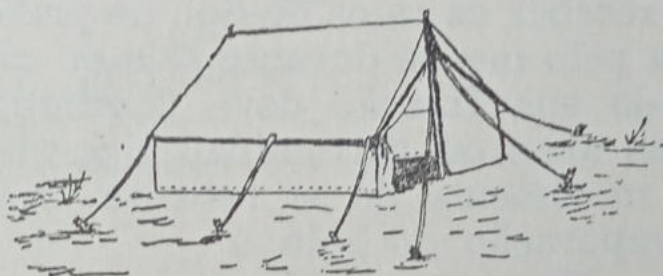
Para habituar o Escoteiro a ter regularidade na marcha e desenvolver, sem se cansar, a maior velocidade na execução de uma ordem, é que o P.O.R. exige, como prova de modalidade básica,

percorrer 1.600 metros em 12 minutos, com a tolerância de erro de um minuto para mais ou para menos. Ora, só conseguirás esta média de tempo se empregares o “passo escoteiro”, isto é, se fizeres o percurso andando 40 passos e correndo 40, alternadamente. Percebeste algum dia como os animais, especialmente os cães, podem vencer distâncias enormes sem cansaço? Trotam em cadência certo espaço e a seguir correm outro tanto, alternadamente. Quando diminuem o ritmo retomam a respiração normal, voltam à calma, chegando ao fim da jornada sem agitação, tranqüilos.

O tempo determinado, com erro apenas de um minuto para mais ou para menos, habitua o Escoteiro com a cobertura de certo percurso, o que lhe permite fazer cálculos precisos ao receber uma missão, e ao Chefe verificar o tempo a ser gasto pelo estafeta.

ARMAR UMA BARRACA

Escotismo se faz no campo. Daí ter o P.O.R. indicado como prova da Classe de Novição — “escolher o local para armar



uma barraca, levando em conta o terreno e a direção do vento”. Ora, a “casa” do Escoteiro é sua barraca. Sua instalação deve obedecer a condições de conforto e salubridade, defesa contra inimigos, perigos e intempéries.

Diversos são os tipos de barraca, havendo também improvisações com lonas de diferentes tamanhos. Em desenhos que ilustram este capítulo poderás encontrar alguns sistemas de instalação. Há,

contudo, regras gerais a serem devidamente observadas pelos Escoteiros.

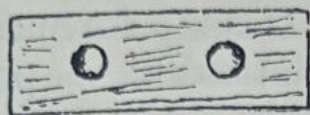
Não se deve armar uma barraca em terrenos em declive, no cimo de uma elevação, cabeça de morro ou crista de serra; em solos úmidos, argilosos, em que se possa formar barro ou lama, ou pedregosos, em que a irregularidade da superfície ou dificuldades de firmar esteios e espeques prejudiquem o trabalho de instalação. Os terrenos arenosos exigem cuidados de fixação dos espeques ou estacas para maior segurança da barraca.

Barlavento é o lugar de onde sopra o vento; sotavento, para onde sopra o vento. A barraca deve ter a porta de entrada voltada para sotavento. Podes verificar com facilidade a direção do vento: movimento da copa das árvores, soltando no ar fôlhas, pedaços de papel, um pouco de pó, umedecendo um dedo e notando de que lado se esfria mais depressa.

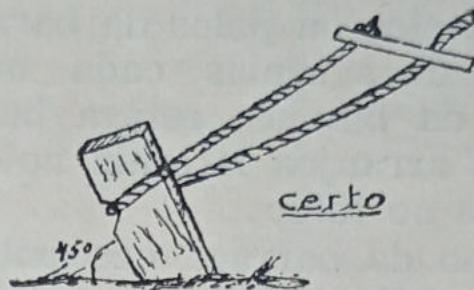
A insolação da barraca é indispensável, assim como seu arejamento. Deve estar colocada de modo a receber os raios do Sol, de preferência pela manhã, ou pelo menos durante seis ou oito horas. Por outro lado sua fixação deve possibilitar o levantamento das abas ou extremidades durante o dia, para que o movimento do ar retire a umidade decorrente da evaporação do solo.

Não estando chuvoso o tempo, todo o material existente no interior da barraca deve ser exposto ao Sol, ficando o piso inteiramente despido de lonas, camas ou objetos.

Os espeques ou estacas serão cravados no solo de modo a constituírem uma boa ancoragem. O ângulo de 45° em relação ao terreno ou reto quanto à espia é o modo correto de serem fincadas. Nas ilustrações dêste capítulo poderás observar os tipos de ancoragem.

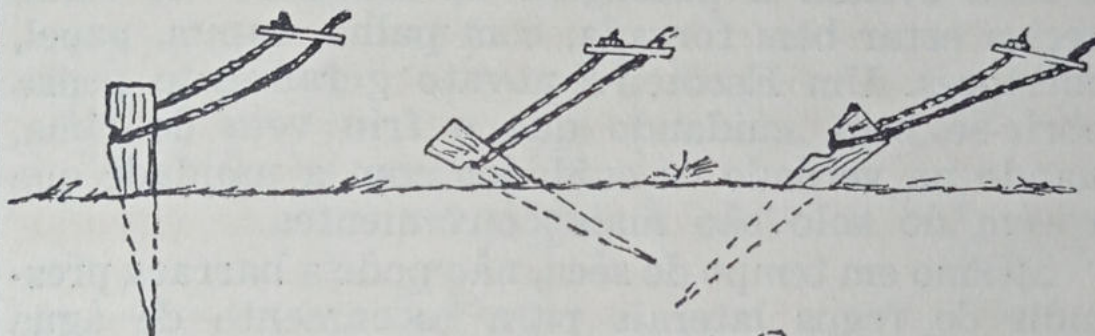


tensor

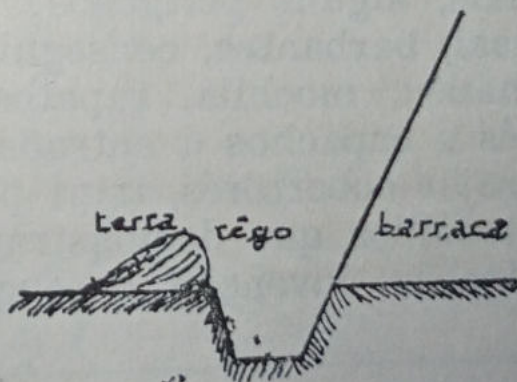
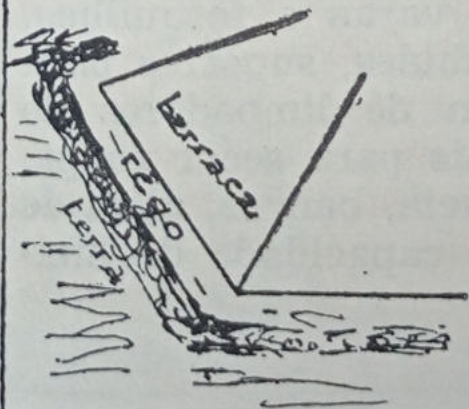
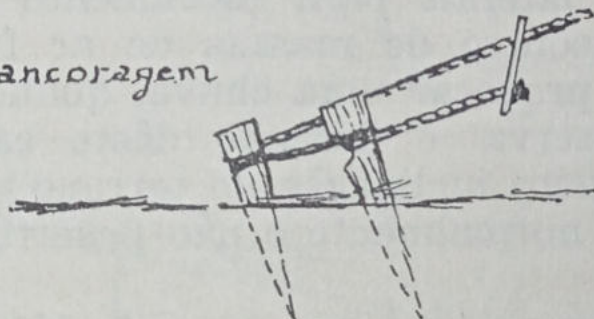


certo

erradíssimas !!!



Uma ancoragem



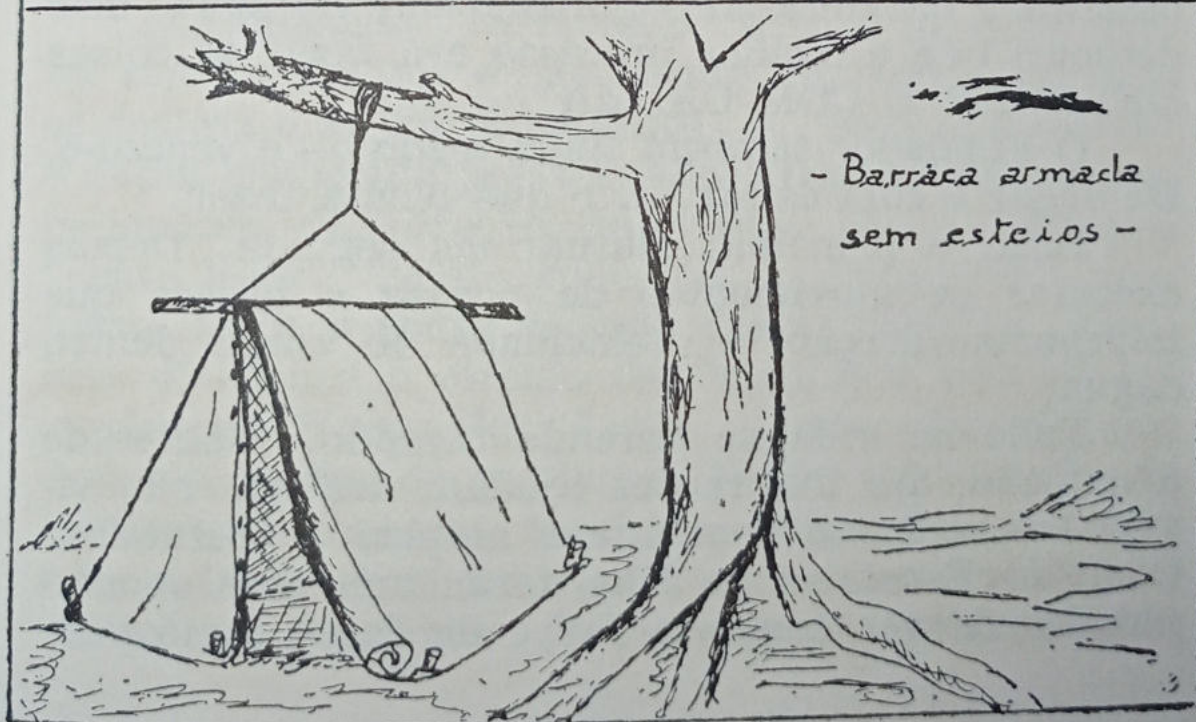
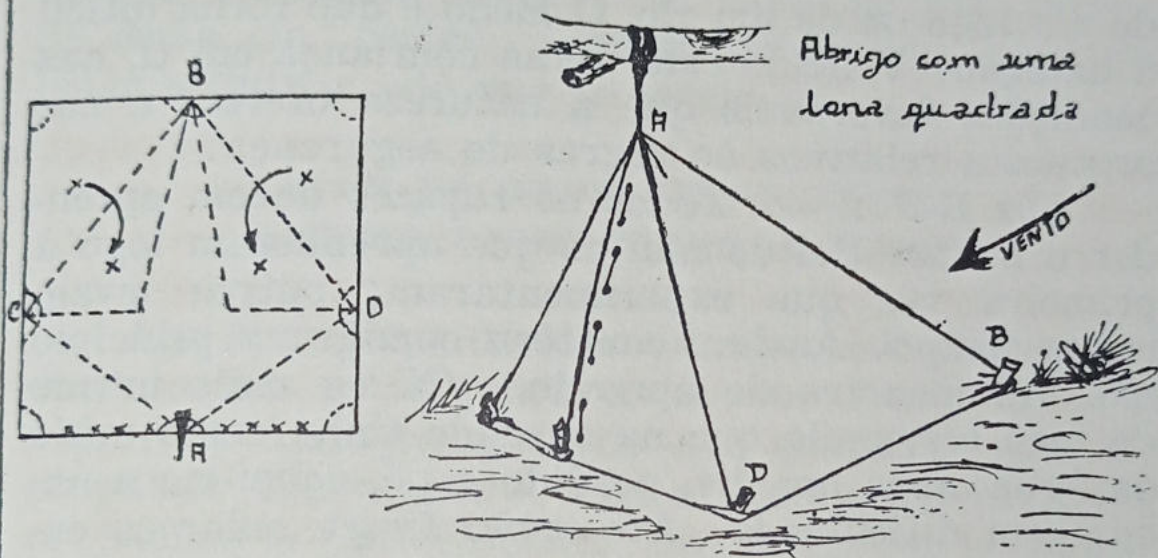
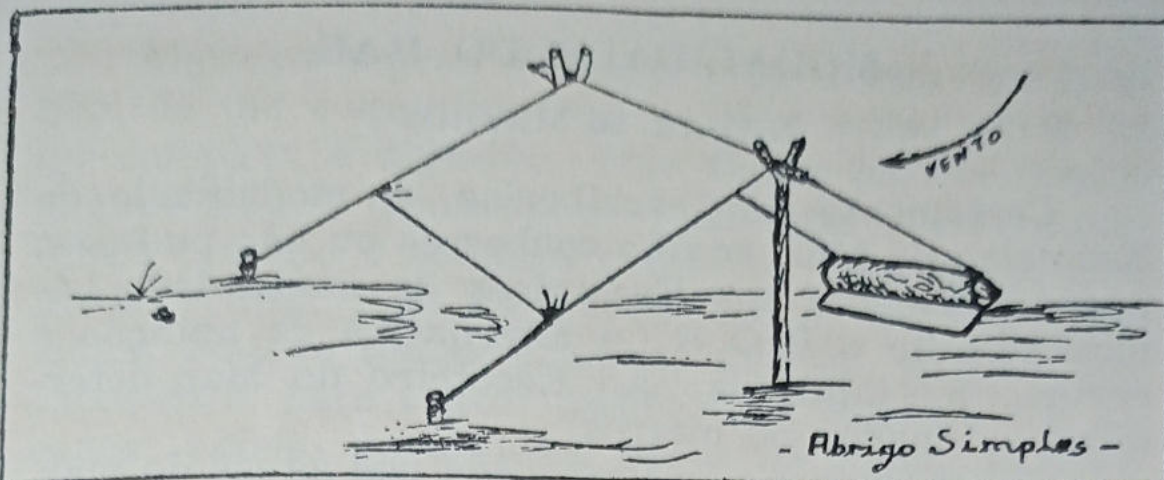
As espias podem ser fixadas nos espeques por voltas redondas e cotes, ou esticadas com um tensor de madeira com dois furos.

Os esteios ou polos da barraca devem ser mantidos por duas espias cada um. Dessa forma a cumieira da barraca estará bem distendida e permitirá os arranjos laterais no sentido de se evitarem rugas no tôlido.

O piso da barraca necessita de boa impermeabilização. A irradiação do calor terrestre traz sempre umidade pela evaporação. Um impermeável, de tecido ou papel, mesmo alguns jornais sob o piso de lona evitam a passagem da umidade. A cama precisa estar bem forrada, com palha, capim, papel, cobertores. Um Escoteiro novato geralmente pensa cobrir-se bem, cuidando que o frio vem de cima, quando na verdade os cuidados com a umidade que provém do solo são mais convenientes.

Mesmo em tempo de sêca, não pode a barraca prescindir de regos laterais para escoamento de água pluvial. Um encontro de massas de ar frio e de ar quente pode provocar uma chuva, quando não a esperamos. Observa o desenho dêste capítulo e mais ainda a ligeira inclinação do terreno, para que a água se escoe normalmente e não penetre na barraca.

Trata de tornar tua "casa" confortável. Mantém as paredes bem ajustadas ao solo, para que não haja correntes de ar e não entrem pequenos animais, alguns perigosos. Com varas e forquilhas, sisal, barbantes, conseguirás cabides, suportes para chapéu, mochila, sapatos, além de limpadores de pés e capachos à entrada, varais para secar roupa, arejar cobertores, tripé para bacia, bancos, além de utensílios que demonstram tua capacidade de imaginação, invenção, execução.



MODALIDADE DO MAR

NADAR 50 METROS

Certamente não escolherias a modalidade de Escoteiro do Mar, se não soubesses ou não pudesses nadar. Sòmente aos Escoteiros da modalidade básica permite o P.O.R. a alternativa da natação e certas especialidades. Ao Escoteiro do Mar determina — “nadar 50 metros”.

Naturalmente não tens mêdo das águas do mar, de um lago ou de um rio. O mêdo é que torna difícil a natação. Vencido êste, terás confiança em ti, nas condições favoráveis que a natureza oferece e nos processos relativos às regras de segurança.

Diz B-P.: — “Todos os rapazes devem aprender a nadar. Sei de muitos que aprenderam logo à primeira vez que experimentaram; outros levam muito tempo. Assim aconteceu comigo: a princípio não via maneira de aprender. Cá no mais íntimo do meu ser, creio que na verdade tinha certo mêdo da água; mas um dia, perdido o pé, achei-me a nadar sem dificuldade. Até então fizera esforços excessivos e debatera-me vigorosamente na água; mas descobri que o melhor processo era fazer as coisas DEVAGAR E COM CALMA”.

O Fundador também tinha mêdo — e venceu-o. De vagar e com calma. Ê o que tens a fazer.

Boiar a princípio, flutuar em seguida. Depois executar os movimentos de pernas e braços que imprimem direção e velocidade ao corpo dentro d'água.

Tudo na vida se aprende fazendo. Sobretudo a natação. As ilustrações ajudam aos que não vivem em contacto com águas amplas e profundas. Como és Escoteiro do Mar, terás inúmeras oportunidades de ver como se faz e de fazer como vês.

Algumas regras de segurança devem ser também de teu conhecimento: — Não nades antes de ter completa a digestão. Não fiques parado dentro d'água. Não te demores fora. Enxuga-te bem, aquecendo o corpo e secando o cabelo. Não nades com muita roupa. Não mergulhes em águas desconhecidas. Não te metas a salvar alguém, se não tens capacidade para tanto; recorre aos meios a teu alcance: cabos, salva-vidas, peças de roupa, bastões, tábuas, pranchas, estivas, a proa de um barco. Se estás em perigo, conserva-te calmo, procura boiar e flutuar, até que te safem.

SABER DE ONDE VEM O VENTO E PARA ONDE CORRE A MARÉ

Aos Escoteiros do Mar é indispensável o conhecimento dos fatos relativos ao vento que sopra à superfície das águas, desde que constitui meio de propulsão dos barcos à vela e pode concorrer para prejudicar o deslocamento em determinado rumo.

Denomina-se “barlavento” o lado de onde vem ou sopra o vento; e “sotavento” o lado para onde se desloca o ar em movimento. A “rosa dos ventos” é assim designada por ter sido, através dos tempos, indicadora da direção do vento. Assim dizemos “vento leste”, “vento sudoeste”, o “nordeste”, conforme sopra o vento de uma destas direções. Também dividimos o círculo da “rosa dos ventos” em quadrantes Norte, Sul, Leste, Oeste, dizendo, por exemplo, ventos do quadrante Norte, quando vêm de Nordeste a Noroeste, ou ainda, ventos do quadrante tal rondando para tal ponto, como ouvimos diàriamente nas indicações do Serviço de Meteorologia.

Para o Noviço do Mar, desde que não pode observar um catavento ou não tem içada uma "grimpá", poderá ver em que direção se desloca a fumaça de navios estacionados, a em que tremula a bandeira da Patrulha, pano ou fio destendido no ar, o movimento de um pedaço de papel sôlto, o das "marolas", a parte de um dedo ou da mão levantada e que se esfria mais depressa. Embora possam acarretar certo êrro, pois o vento pode ser "variável", há, contudo, um "vento predominante", o qual precisa ser conhecido antes de o Escoteiro começar a usar o velame.

A rotação da Terra, a fôrça dos ventos e a atração exercida pela Lua e pelo Sol fazem com que as águas do mar não estejam sempre tranqüilas, paradas, mas em movimentos que devem ser conhecidos e observados pelos Escoteiros do Mar. Assim é que os ventos e a rotação da Terra provocam o deslocamento das águas superficiais como se formassem um rio no mar; são as correntes marítimas, que podemos distinguir se observamos a marcha de um pedaço de madeira pela água além. Pessoas ou barcos podem ser arrastados pelas correntes. Por sua vez o vento, encrespando a superfície das águas, produz outro movimento, o das ondas ou vagas, que consiste num movimento ondulatório, no mesmo lugar, de modo que, atirando-se um pedaço de madeira na água, êste sobe e desce sem sair dos limites em que foi atirado. Pela atração da Lua, e também do Sol, há outro movimento das águas, elevando-se ou abaixando-se por tôda extensão das águas, fato que verificamos melhor junto às costas, nas baías e nas embocaduras dos rios; são as marés.

O conhecimento do fenômeno das marés é fundamental na vida do mar e por isso é publicado

anualmente um trabalho com tôdas as indicações relativas à costa de nosso país. Quando as águas do mar sobem, dizemos "maré alta", "preamar", ou "maré montante", quando baixam, chamamos "maré baixa", "baixa mar" ou "maré vassante". Ao momento em que as águas estacionam para passar do fluxo para o refluxo, chama-se "estôfa", entre gente do mar, mas corretamente "estôfo".

Há duas preamares e duas baixamares por dia, com intervalo aproximado de seis horas. Na Lua Nova e na Lua Cheia a amplitude das marés (diferença entre os pontos mais altos e mais baixos alcançados) é muito pronunciada e dizemos então "marés de águas vivas"; nas Luas Crescente e Minguante as preamares não são muito elevadas e se dizem "marés de águas mortas".

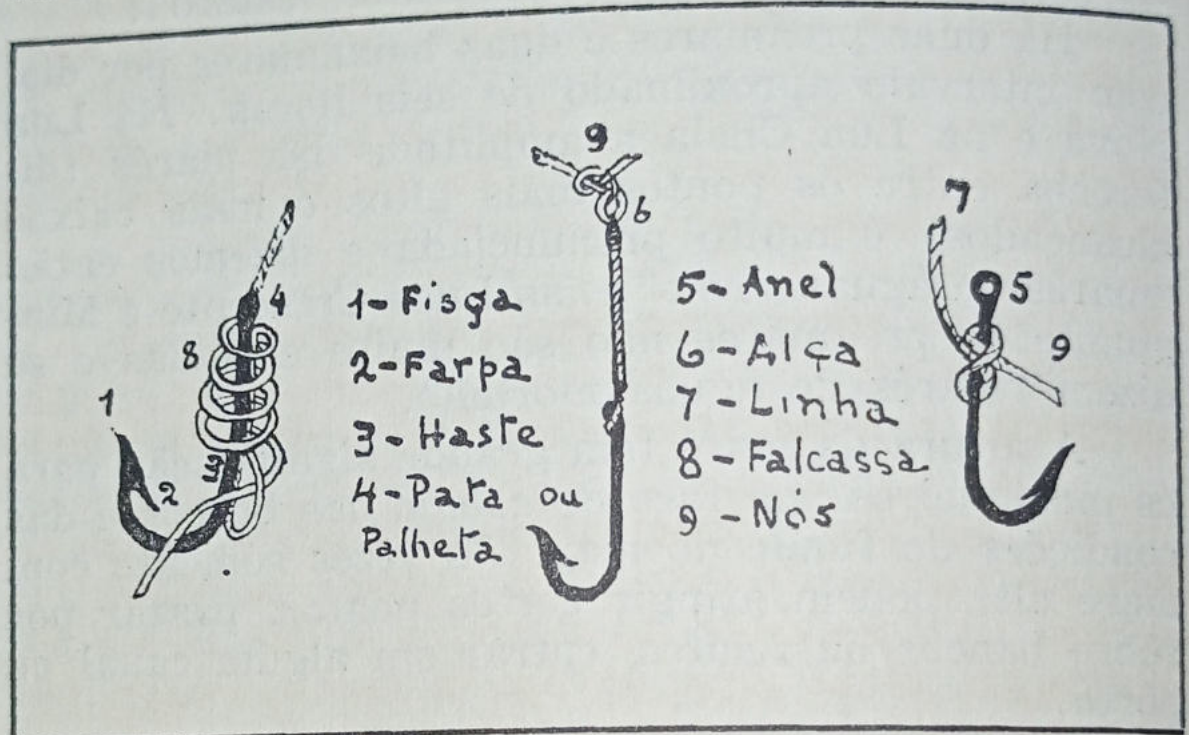
A altura da maré tem grande significação para os marinheiros, em face do calado dos barcos e das condições do fundo do mar. Às vêzes somente com maré alta podem atingir certos pontos, passar por sobre bancos ou recifes, entrar em algum canal ou pôrto.

Quando as águas do mar sobem ou descem, formam uma correnteza, avançando para as praias ou costas ou delas fugindo, o que poderá facilitar ou dificultar a marcha de um barco. Os marinheiros observam a direção para onde corre a maré por diversos meios:

- a) os navios ancorados ficam sempre com a proa voltada para o lugar de onde corre a maré;
- b) objetos que flutuam seguem sempre a direção da correnteza;
- c) alguns pontos de referência fixos, como pedras, câis, pontes, pelas marcas que apresentam, dão boas indicações.

SABER EMPATAR E ISCAR UM ANZOL

“Empatar um anzol” é prendê-lo à linha de pescar, ligada ao caniço ou vara. A operação deve ser feita com cuidado e técnica de pescador, para que não se vá o peixe com o anzol e retire apenas a linha das águas.



Em pescarias eventuais dão os pescadores uma “volta de fiel” na haste, firmando-a junto à palheta ou ao anel; outras vêzes dão um “nó de escota” no anel. Todavia, os que costumam pescar, fazem na haste uma “falcassa” bem feita, deixando solta uma ponta da linha, à qual prendem a linha do caniço por um “nó de pescador” ou, se deixaram uma alça no anzol, por um “nó direito” ou “nó de escota” conforme o diâmetro das linhas. Nesse caso pode o anzol ser guardado em uma caixinha, após a pescaria, evitando-se acidentes com crianças ou pessoas desatentas ao mexerem no caniço.

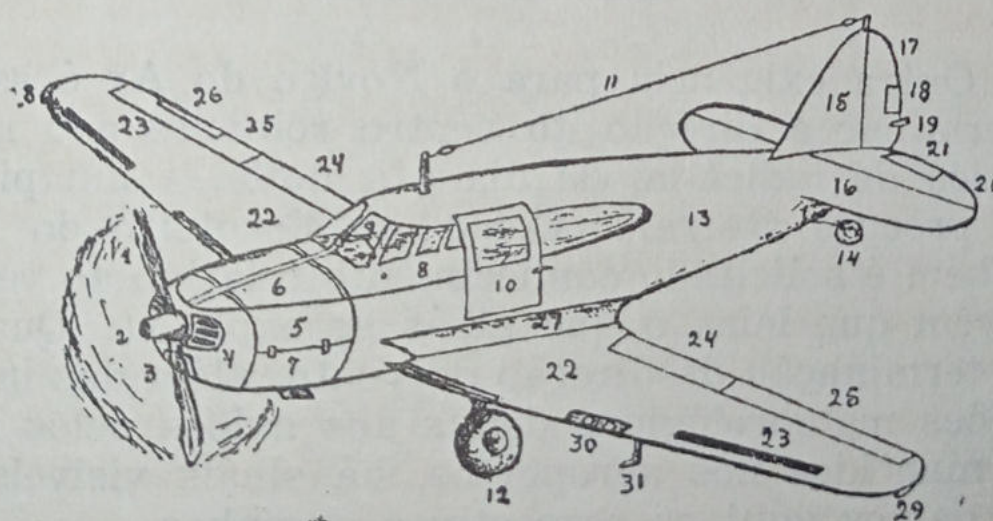
“Põe-se no anzol a isca de que o peixe gosta”. Esta verdade é empregada por B-P. ao indicar os meios pelos quais os rapazes são atraídos ao Escotismo. De fato, se não sabemos de que isca pode o peixe gostar, como o apanharemos? É êsse o primeiro cuidado do Escoteiro, incorporando o conhecimento às suas experiências de pescador. Há peixes que só físgam iscas em movimento, daí haver necessidade de colocar no anzol pequenos peixes ainda vivos.

A isca deve cobrir a fisga e a farpa, isto é, tôda a ponta do anzol. A prova termina aqui, não exigindo o pescado...

MODALIDADE DO AR

CONHECER A NOMENCLATURA GERAL DE UM AVIAO

No desenho encontrarás indicações sôbre as diversas partes de um avião. Como os tipos dependem da finalidade do aparelho e das linhas de fabricação, terás aqui apenas a nomenclatura comum, cabendo à tua curiosidade e interêsse maiores conhecimentos.



Distinguimos no avião três partes principais: o corpo ou fuselagem, as asas e a empenagem.

FUSELAGEM — 1) Hélice, 2) Cubo de hélice, 3) Tomada de ar do radiador, 4) Arrefecimento do motor, 5) Carenagem do motor, 6) Capota do motor, 7) Canos de descarga, 8) Cabine do piloto, 9) Capota transparente móvel, 10) Porta da cabine, 11) Antena, 12) Trem de pouso, 13) Corpo, 14) Roda da bequilha.

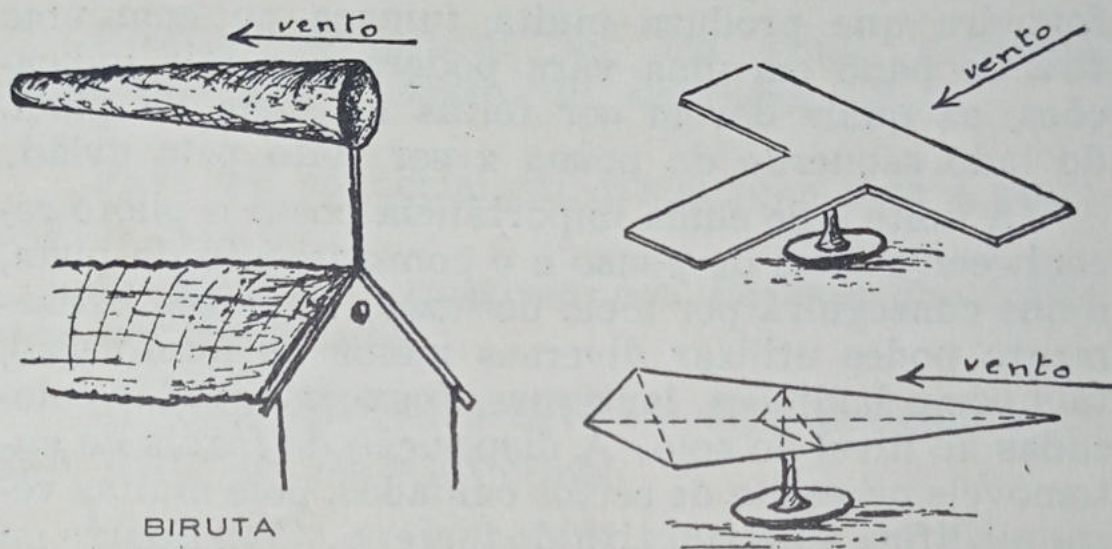
EMPENAGEM — 15) Estabilizador ou deriva vertical, 16) Estabilizador horizontal, 17) Leme de direção, 18) Compensador do leme de direção, 19) Luz branca de navegação, 20) Leme de profundidade ou profundor, 21) Compensador do leme de profundidade.

ASAS — 22) Secção central da asa, 23) Secção externa da asa, 24) Flapes, 25) Ailerons, 26) Compensador do aileron direito, 27) Piso da asa, 28) Luz verde de navegação, 29) Luz vermelha de navegação, 30) Luzes de aterrisagem, 31) Tubo de Pitot.

VENTO REINANTE

Outra exigência para o Noviço do Ar é saber determinar a direção do vento reinante e o meio prático de indicá-la, de dia e à noite, a um piloto que procure aterrar. Como ao Escoteiro do Mar também é solicitado conhecimento relativo ao vento, convém que leias o que atrás se explicou. Quanto à determinação da direção do vento, além das informações meteorológicas dadas aos aviões pelos postos mantidos nos aeroportos, há sinais visíveis de que damos aqui os respectivos desenhos.

A BIRUTA é uma espécie de saco de café sem fundo, feito de fazenda leve e de côr viva, prêsa a uma armação de ferro ou arame, colocada no tôpo de um mastro ou no alto de um edifício. Com a passagem do vento enfuna-se e gira, mostrando ao aviador, do alto, de onde sopra o vento, pois deve aterrar ou decolar sempre contra êste.



O TÊ é colocado quase sempre ao lado da pista, em suporte que permita seu giro em relação ao vento ou manejado por empregado do aeropôrto. De cima é visto pelos aviadores, pois sua cabeça está sempre contra o vento.

O TRIÂNGULO produz o mesmo efeito que o TÊ, ficando o vértice do ângulo agudo na direção de onde sopra o vento. Observando-o do alto sabe o aviador de que lado deve descer.

Na falta de tais indicações pode o pilôto servir-se de observações do momento, direção de fumaça, bandeiras, copas de árvores. Se é forçado a descer e necessita de indicações mais ou menos seguras, pode ajudá-lo o Escoteiro do Ar, pois conhece os meios de emergência a serem utilizados.

Percebe-se a situação do piloto por sinais luminosos ou foguetes de luz branca, lampejos intermitentes com as luzes de navegação, movimento circular sobre o local com rajadas de motor. Se é de dia poderá o Escoteiro do Ar improvisar um T ou Triângulo com material visível do alto, sejam jornais, lençóis, toalhas, dando a direção do vento no local em que é possível a aterragem. Com uma fogueira que produza muita fumaça ou com uma tira de pano em uma vara poderá dar tais indicações, as quais devem ser feitas no meio da pista, do lado esquerdo do pouso a ser feito pelo avião.

À noite é de suma importância possa o piloto reconhecer o local de pouso e o comprimento da pista, o que conseguirá por meio de luzes. Para seu balizamento podes utilizar diversos meios de iluminação, tais como lampiões, lanternas, fogueiras, tôdas colocadas ao nível do solo. A disposição de faróis de automóveis necessita de certos cuidados, pois muitas vezes modifica a perspectiva do terreno. Com quatro ou cinco focos, a intervalos de 80 metros, e mais dois no fim da pista, são fornecidos os dados indispensáveis ao aviador, desde que consegue observar do lado esquerdo a direção da pista, na extremidade a largura e o extremo da mesma, assim como o ponto de onde vem o vento.

Todavia, havendo tempo, poderás dar melhores informações ao piloto, demarcando convenientemente a pista de emergência com muitos sinais luminosos, empregando sinais verde e vermelho para o começo e fim da pista. Além disso, convocarás auxiliares para o serviço, inclusive para atenderem a acidentes comuns em pousos forçados.

RELIGIÃO

Prestar as provas de seu credo religioso, de acôrdo com a alínea "d" da regra 3-2.

Para teu conhecimento transcrevo tôda a regra 3-2 do P.O.R.

A orientação religiosa nos Grupos Escoteiros deve ser a seguinte:

a) Todo Escoteiro deve ter uma Religião e seguir fielmente seus preceitos.

b) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros de uma mesma Religião, seus Chefes devem ser obrigatòriamente da mesma Religião, e têm como obrigação indeclinável zelar pelas práticas e instrução religiosas do mesmo, de acôrdo com o Assistente Religioso.

c) Quando o Grupo fôr composto de Escoteiros pertencentes a diversas religiões, seus Chefes deverão respeitar as religiões de seus Escoteiros, verificando que cada um observa seus deveres religiosos. Nos acampamentos e reuniões, tôdas as preces deverão ser de caráter simples e de assistência voluntária.

d) Nos Grupos de denominação religiosa, os Escoteiros prestarão provas de Religião estabelecidas

pelo Assistente Nacional Religioso do respectivo credo, como condição para ser promovido às diversas classes; nos demais Grupos, deverão ser exigidas as mesmas provas de Religião, desde que possam ser prestadas na forma determinada na regra 3-5, que diz:

“Na falta de Assistente Religioso, os Chefes ou as Entidades Patrocinadoras se entenderão com os Sacerdotes ou autoridades religiosas da igreja frequentada pelo rapaz, ou com seus pais, encarregando-os da instrução e tomada de provas de Religião, e da comunicação, escrita e assinada, de que o rapaz passou nas provas de Religião exigidas para a promoção de determinada classe.”

e) Os Escoteiros têm o dever de assistir às cerimônias religiosas do seu próprio culto e direito de isolar-se no próprio acampamento para orações coletivas e individuais, bem como para o estudo de sua Religião.

f) É vedado aos Chefes tornar obrigatório o comparecimento dos Escoteiros a cerimônias religiosas que não as de seu próprio credo.

g) Quando a Religião de um Escoteiro proibir-lhe assistir às cerimônias ou práticas de outra Religião, os Chefes devem zelar pelo estrito cumprimento dêste preceito.

ORAÇÕES ESCOTEIRAS



“Senhor, fazei de mim um instrumento de Vossa paz.

Onde exista ódio, que eu leve Amor; onde exista discórdia, leve Harmonia; onde exista êrro, leve a Verdade; onde exista dúvida, leve a Fé; onde exista desespero, leve a Esperança; onde exista treva, leve a Luz; onde exista a tristeza, leve a Alegria.

Fazei, Senhor, que eu não procure tanto ser consolado, mas sempre consolar, ser compreendido, mas compreender, ser amado, mas amar.

Pois é dando que recebemos, é esquecendo-nos que nos encontramos, é perdoadando que somos perdoados, é morrendo que ressuscitamos para a Vida Eterna.”

Às refeições: “Uns têm e não podem; outros podem e não têm; nós, que temos e podemos, bendigamos ao Senhor”.

Pela manhã: “Senhor, Vós que estendestes o céu como imensa barraca sôbre nós, olhai misericordioso a vossos filhos já alerta na aurora de um novo dia. Afastai, Senhor, dêste acampamento, tudo que possa ofender-vos, e uni-nos para ajudarmo-nos mutuamente, a fim de que êste dia transcorra entre amizade e alegria”.

À noite: “Senhor, depois de um dia cheio de trabalhos e de lutas, queremos repousar nossos corpos fatigados. Velai sôbre nossas barracas, a fim de que

o nosso sono seja descanso para mais trabalharmos no dia de amanhã.

Afastai os perigos de nosso acampamento; cercai-o com o calor de Vossa Bondade. Perdoai, Senhor, tôdas as nossas faltas, para que nós, que vamos dormir sob as estrêlas, possamos fazê-lo em Vossa Graça. Estendei Vossa Guarda em tôrno dêste acampamento, para que nos defenda contra todo o mal. Assim seja”.

Observação: Depois de cada oração, recitada pelo Chefe ou Monitor, e repetida por todos, é dada a ordem de — “orações pessoais” — a fim de que cada um, nos moldes de seu credo e segundo suas intenções, faça sua prece individual. É indispensável que os Escoteiros compreendam e respeitem a atitude de cada um — cristão, israelita, maometano, budista, etc. — de acôrdo com o ritual a que obedece.

PROVAS DE RELIGIAO

Os Assistentes Religiosos Católicos estabeleceram para o Noviço as seguintes exigências:

- 1) Demonstrar que conhece tôdas as provas exigidas para Lobinhos.
- 2) Comunhão freqüente; saber seu significado e valor, as disposições indispensáveis para recebê-la.
- 3) Saber explicar o fato, a razão e o valor de ser Cristão e Católico.
- 4) Executar corretamente o Sinal da Cruz e conhecer seu significado e seu valor.
- 5) Conhecer e demonstrar como se vence o respeito humano na prática da religião, na freqüência aos sacramentos e no trato de pessoas e lugares consagrados a Deus.
- 6) Possuir uma tradução aprovada dos Santos Evangelhos e contar um milagre de Nosso Senhor.

7) Saber as orações principais, inclusive as do Escoteiro e como e quando devemos rezar.

8) Saber batizar em caso de necessidade e conhecer o enderêço de dois sacerdotes e onde procurá-los.

9) Ter ajudado corretamente pelo menos a três Missas e dar mostras de saber assistir a elas devotamente.

A Confederação Evangélica do Brasil estabeleceu para o Noviço Evangélico as seguintes normas, versando as provas sôbre o Batismo, o culto a Deus e a vida de Cristo.

1) Saber sôbre o Batismo: a) Por que batizamos; b) em nome de quem somos batizados; c) o valor do Batismo.

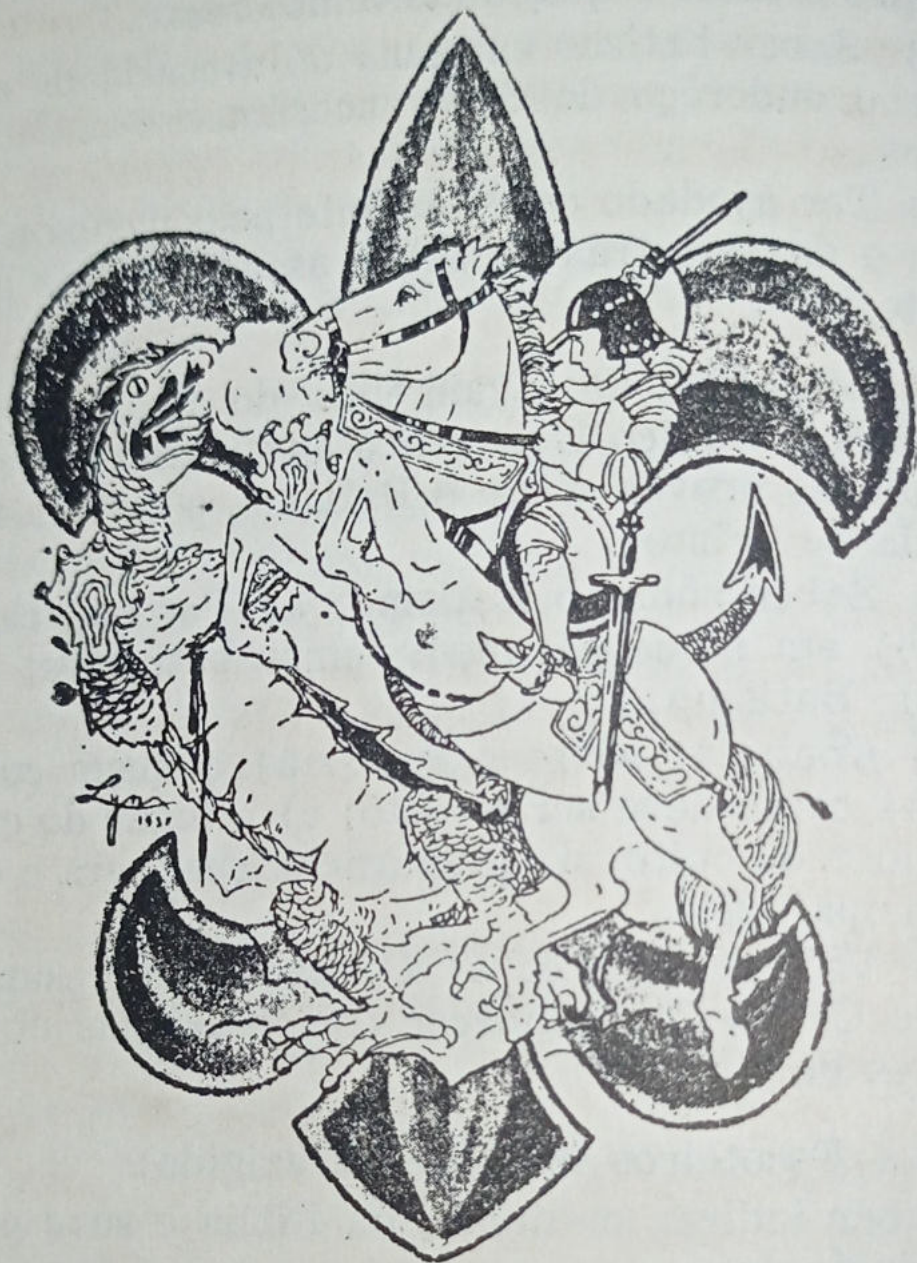
2) Conhecer sôbre o culto: a) a quem cultuamos; b) como deve ser o culto; c) o lugar do culto; d) o valor do culto; d) preparar o local para o culto e participar dêle.

3) Vida de Cristo: a) Conhecer, em resumo, a vida de Cristo; b) conhecer três parábolas ou três milagres de Cristo.

Aos Escoteiros israelitas é exigido:

- 1) Saber indicar os nomes da Bíblia e suas partes principais.
- 2) Contar, em linhas gerais, a história do povo de Israel, desde Abraão até a morte de Salomão e a divisão do reino.
- 3) Disertar sôbre as principais festas judáicas e demais dias comemorativos.
- 4) Fazer as bênçãos sôbre o vinho e o pão.
- 5) Cantar a Hatikva em conjunto.
- 6) Dançar uma "horrah".
- 7) Cantar e traduzir três canções hebraicas.

O PADROEIRO



Cada ramo do Escotismo tem seu Santo Padroeiro. Não por escolha de associações escoteiras católicas, mas em virtude de indicação do próprio criador do Movimento. E, o que convém notar, reconhecidos por todos os Escoteiros do mundo, no seio das diversas religiões.

O patrono dos Lobinhos é São Francisco de Assis, o dos Escoteiros São Jorge e o dos Pioneiros São Paulo de Tarso.

São Jorge é um dos quatorze santos auxiliares, particularmente invocados pelos cristãos. Nasceu na Capadócia e pertencia a família nobre. Por sua condição, ingressou na carreira das armas, caindo por seus feitos e bravura nas graças do Imperador Diocleciano, que o nomeou general e membro de seu Conselho.

Quando se discutiam os meios de perseguir os cristãos, Jorge, tendo apenas 20 anos de idade, declarou-se em oposição às idéias do Imperador, defendendo com firmeza os seus irmãos de crença perante o Conselho.

Certo do que lhe poderia acontecer, despojou-se Jorge de sua avultada fortuna, distribuindo-a com os pobres, e enfrentou seus algozes com a serenidade dos grandes mártires. Submetido a horrível tortura, conseguiu sair do suplício com o corpo perfeito, graças à sua Fé, o que concorreu para a conversão de inúmeros pagãos.

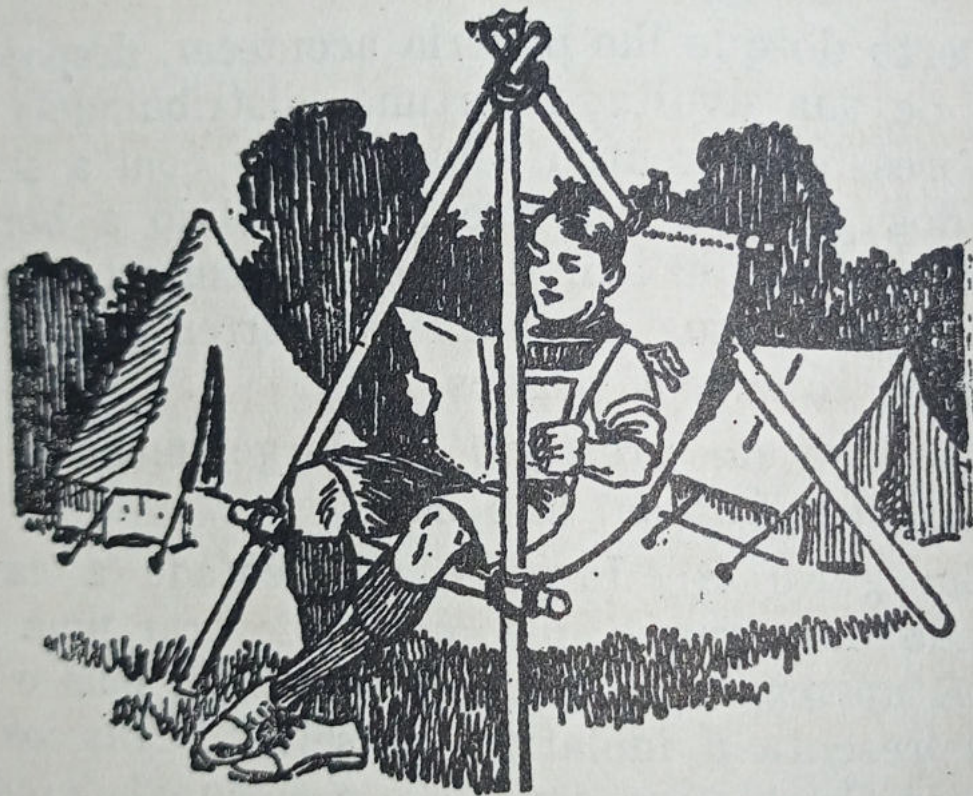
Receioso do prestígio de Jorge, mandou Diocleciano degolá-lo no ano 303.

Em geral S. Jorge é apresentado a cavalo, atacando um dragão que queria devorar uma donzela. É apenas uma imagem simbólica, pois o dragão representa a idolatria, as seitas pagãs, os inimigos de Cristo, e a donzela é a comunidade cristã, a Fé nos ensinamentos da Igreja.

Para os Escoteiros, São Jorge representa a juventude destemida, valente, leal, pronta a sacrificar-se por seu ideal, atacando constantemente o Vício e defendendo galhardamente a Virtude.

O dia de São Jorge, celebrado a 23 de abril, é considerado universalmente o dia do Escoteiro.

Reservado para as grandes solenidades, investiduras, juramentos, condecorações, é também o dia aconselhado por B-P. para uma revisão dos princípios escoteiros, reunidos no manual que serve de guia a tôda a juventude que ostenta a Flor-de-Lis.



PROMESSA E LEI

Conhecer a Lei e a Promessa Escoteiras, explicando-as satisfatoriamente. Esta prova é prestada ao Chefe Escoteiro, e só poderá ser feita depois que o rapaz passou em tôdas as outras provas.

Depois de teres assistido a oito ou dez reuniões de tua Tropa, observado a vida das Patrulhas e prestado as provas de Noviço, pedirás a teu Chefe que te tome a Lei e a Promessa, para que ingresses definitivamente na Família Escoteira.

A Promessa tem por base a honra.

Os que prometem “pela honra” devem demonstrar que têm honra. Nós mesmos é que nos fazemos honrados, não faltando à nossa palavra, aos nossos deveres. Todos percebem isso e nos têm na conta de homens honrados, de meninos corretos, direitos. Assim é que se apresenta a honra, como confiança.

Se prometo por minha honra, tenho que mostrar sempre que sou honrado. E basta que não cumpra o que prometi para que todos verifiquem que não tenho honra, que eu mesmo não me prezo, que não dou valor ao que me pertence e que deve ser sagrado para mim — a minha dignidade pessoal. Se me torno indigno de pertencer ao Grupo, não posso exigir que meus companheiros tenham consideração para comigo.

Para isso, meu caro Aspirante, é que debes meditar muito sobre os termos da Promessa, não apenas para explicares sua significação ao Chefe, mas para demonstrares que és capaz de cumprir tudo quanto ela encerra.

Tu dirás, guardando-as em teu coração, estas palavras:

“Prometo pela minha honra fazer o melhor possível: para cumprir meu dever para com Deus e a minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião, obedecer à Lei do Escoteiro”.

E eu te ajudarei a compreender convenientemente o sentido que contêm.

DEVERES PARA COM DEUS

Em primeiro lugar debes saber que o Escotismo não é possível sem religião. Um menino sem religião não pode ser Escoteiro. Pois se promete cumprir seus deveres para com Deus, como os entenderá se não tem noção de Deus? Assim, todo Escoteiro deve ser religioso, praticar uma religião, qualquer que seja. Se não é praticante, não pode ser bom Escoteiro.

Quais são os deveres para com Deus? Vejamos o que Deus é para todos nós:

a) Deus é o Criador de todas as coisas. Nós fomos criados por Deus. Todos os nossos agradecimentos são poucos para retribuirmos a graça de nos ter dado a vida.

b) Por nos ter criado, Deus é o Nosso Senhor. E nós lhe devemos obediência, porque lhe pertencemos. Somos servos de Deus. Estamos no mundo para satisfazermos Sua Santa Vontade.

c) Para orientação de nossa vida, legou-nos Deus mandamentos e regras que devemos seguir. Somos obrigados ao cumprimento da Lei de Deus. Ele é o primeiro legislador. Nós somos seus súditos, estamos subordinados à sua Lei.

Assim temos deveres como criaturas, como servos e como súditos de Deus. E como praticamos esses deveres? Pela adoração, que consiste no reconhecimento, no respeito e no amor a tudo que é do agrado de Deus.

Se teu Chefe te pedir minúcias, recita os mandamentos de tua religião e de tua igreja, mostra que os segues com fervor e terás dado a melhor explicação a esta parte da Promessa.

DEVERES PARA COM A PÁTRIA

Sentirás revolta se alguém ofender o Brasil. É que a tua Pátria foi alvejada. O Brasil, com a sua terra, sua gente, sua língua, sua religião, seus costumes, suas tradições, seu governo, suas instituições, é a tua Pátria. Por tudo isso, como Escoteiro, prometes cumprir teus deveres para com a Pátria.

Porque sabes o que constitui a tua Pátria, podes agora enumerar os deveres a que te obrigas. Amarás e defenderás o teu Brasil.

Tudo farás para que as gerações vindouras recebam de ti e de teus companheiros o território que os nossos antepassados nos legaram. Para isso começarás por conhecê-lo na sua geografia e na sua história. O Brasil é muito grande. A idéia concreta de seu território só terás desenhando o seu contorno, comparando-o com o tamanho de outros países. Faz-o bem e com ardor cívico. Depois estuda o esforço que empregaram os bandeirantes, os vaqueiros, os missionários, os soldados, os estadistas, para nos darem metade da América do Sul.

Prezarás a gente do Brasil, estudando-lhe a origem, os costumes, as tradições, as virtudes, os defeitos, com o objetivo de trabalhares pelo contínuo aperfeiçoamento de nosso povo.

Pugnarás pela religião que mantém os laços da nacionalidade, que representa o maior patrimônio moral da Nação. E, se tens outra religião, como brasileiro reconhece esta grande verdade e mantém-te respeitoso ante os que fazem da Religião Católica uma força de coesão nacional. Pensando em Deus, pensa também no teu Brasil.

Sê leal ao governo de tua Pátria. Obedece às leis e às autoridades. Sê reverente para com os agentes do poder público. Conserva o espírito de fidelidade cívica, que te manterá alerta em todos os serviços que a Nação te confiar, de modo que cumpras teus deveres sem necessidade de fiscais.

Sê bom Escoteiro, procura elevar-te nas classes e nas provas, segue a Lei à risca.

Mais tarde, como cidadão, em qualquer função, compreenderás que cada um de nós tem direitos e deveres, mas que há sempre um dever que a todos sobrepuja, que é maior que os do indivíduo, da família e da classe: o de servir à Pátria!

AJUDAR O PRÓXIMO

Um dia foi perguntado a Jesus: "Mestre, qual é o grande mandamento da Lei?" Ao que Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo é semelhante a este: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Como vês, meu caro Escoteiro, a primeira explicação que dará desta parte da Promessa é que

constitui uma ordem de Deus expressa por outras palavras. Ajudar significa auxiliar, socorrer, prestar um serviço espontaneamente. Não é capaz de fazer isso quem não ama, quem não preza, quem não considera alguém.

E como deves considerar as pessoas? Como teu próximo. Desde que tenhas oportunidade de servir a alguém, aí está a ocasião determinada pela Promessa. Mesmo a teu inimigo.

Mas também há uma ordem de classificação dos serviços ao próximo. Quando forem exigidos por tua consciência, verás que estás obrigado na seguinte escala: pais, irmãos, parentes, amigos, benfeitores, concidadãos, estrangeiros.

Tudo depende, porém, do grau do serviço: o maior, o que mais exige, será o primeiro, independentemente de pessoas. Entre um ferido em estado grave e outro tocado levemente, socorrerás o primeiro, embora estranho.

O artigo da Promessa quer dizer: fazermos de fato ao próximo o bem que quiséramos nos fôsse feito. Fazer o bem nesse sentido é Caridade, a maior das virtudes.

Nota bem êste ponto: quanto mais souberes, mais possuíres, mais obrigações terás. Um Lobinho tem menos e um Pioneiro tem mais deveres do que o Escoteiro. O esforço que empregares para ajudar o próximo deve ser sempre igual ou maior do que aquêle que tua condição social permite.

E fazes tudo para servires ao Senhor teu Deus, que te deu a vida para cumprires seus mandamentos. Não te orgulhes de tuas obras. Oferece-as a Deus como prova de tua humildade e de tua obediência.

Serás, assim, um perfeito Escoteiro.

OBEDECER A LEI DO ESCOTEIRO

Antes de fazeres a Promessa precisas meditar cuidadosamente sobre esta parte — “obedecer à Lei do Escoteiro”. Nessa Lei encontram-se obrigações muito sérias e não conselhos que podes seguir ou não.

Basta que penses no seguinte: a Lei não diz “o Escoteiro deve ser leal”, mas que “é leal”. Se não é leal, não é Escoteiro. As leis do país mandam que o cidadão sirva nas Fôrças Armadas. É uma determinação emanada dos poderes públicos. Se o indivíduo, porém, não a cumpre, pode ser processado e prêso, mas não deixa de ser brasileiro. No Escotismo o fato é diferente: quem não cumpre a Lei não pode ser considerado Escoteiro.

Naturalmente que não desanimarás se tens alguns defeitos contrários à Lei. Por exemplo: se tens o feio vício de mentir. A Lei diz: “o Escoteiro tem uma só palavra”. Como vais proceder? Largando o Escotismo? Não! sòmente um covarde foge da luta. A mentira será, então, o teu inimigo e o Escotismo a arma com que o combaterás. Tôda vez que tentares soltar uma mentira recita baixinho: “o Escoteiro tem uma só palavra...” E verás que em pouco tempo, sem auxílio de outras pessoas, sòmente com a fôrça de teu coração, descera sobre ti a graça de Deus e nunca mais mentirás.

É necessário também que não esqueças estar em jôgo a tua honra. “A honra do Escoteiro vale mais que a própria vida”. Porque empenhaste na Promessa tua honra, segue-se que os companheiros não te podem pegar em faltas, pois verificarão que, ou não tens honra, ou não te prezas. É apenas uma observação sobre o caso, pois certamente estás no firme propósito de ser correto.

Num exame de consciência verificarás os defeitos que tens em face da Lei. Anotarás tudo num caderninho. Sem nome. Ninguém precisa saber de que se trata. E diàriamente verificarás o teu aperfeiçoamento. Quando tiveres dúvidas, consulta teu chefe. É teu amigo e teu guia. Ele te ajudará a vencer as dificuldades. Não confies apenas em tuas forças. Mas corrige-te sempre, porque o fim pretendido pelo Escoteiro só encontra seu ponto final na perfeição divina. Roga a Deus que te ajude, reza, pede sempre e terás a feliz oportunidade de cumprir fielmente o que prometeste.

A LEI ESCOTEIRA

Art. 1º — O ESCOTEIRO TEM UMA SÓ PALAVRA; SUA HONRA VALE MAIS QUE A PRÓPRIA VIDA.

“Não mentirás”. A veracidade deve ser o cunho de tua conversa. Não deixes que duvidem de ti. Mas não é impondo-se pela força que conseguirás isso. É com atitudes. Todos devem compreender que és sincero. Para tanto, não podes dissimular teus pensamentos, exagerar tuas opiniões, enganar teus companheiros. São outras formas de mentir. Se errares, confessa teu erro. Ocultando tua falta, mentirás duplamente. Primeiro porque fingiste não reconhecer o erro; segundo porque não comunicaste francamente a quem deves contas de teus atos. É melhor dizeres limpamente que não estiveste alerta, que falhaste, do que ofenderes a Lei com uma falsidade. Do cumprimento dêste artigo dependerá o teu conceito no mundo escoteiro e na vida de cidadão. Merecer a confiança de todos deve ser teu ponto de honra.

Art. 2º — O ESCOTEIRO É LEAL.

Para bem compreenderes o valor dêste artigo, convém antes que verifiques quais os teus deveres nas diversas situações de tua vida: em casa, para com a família, na escola, para com os mestres; na rua, para com os amigos e estranhos; no grupo, para com o chefe e os companheiros; na religião, para com Deus, e na vida civil, para com a Pátria. A cada um dêsses deveres corresponde uma atitude de tua parte: lealdade no seu cumprimento. Todos aquêles a que te achas ligado por um dever têm o direito de exigir que o cumpras lealmente. Se não fazes como deves, cometes uma deslealdade. A lealdade tem sentido vertical: para cima, quanto aos superiores, para baixo, quanto aos inferiores. Em função que exija lealdade, és sempre superior ou inferior. Em sentido horizontal, com todos no mesmo nível, pode ser conluio, conjura, o que não é do espírito escoteiro. “Honrarás pai e mãe”. Se praticas em qualquer parte um ato que manche o nome de tua família, cometes uma deslealdade. Dizemos que o indivíduo é “fiel” quando cumpre corretamente os deveres que lhe são impostos por sua condição ou emprêgo. Um empregado fiel é leal. Um amigo fiel merece nossa confiança. Se o mestre confia em tua lealdade, não te fiscaliza; se és desleal, não te perde de vista. Se és graduado, de tua lealdade provirá a obediência e a disciplina da patrulha. Lealdade é cumprimento consciente e rigoroso do dever. Observa êste fato: o Presidente dorme tranqüilo no Palácio, juntamente com a família, enquanto na porta, velando, há um simples cidadão feito soldado; a tranqüilidade da casa repousa num sentimento apenas — a lealdade do militar. E pela deslealdade de alguns, quantos crimes e quanta miséria!...

Art. 3º — O ESCOTEIRO ESTÁ SEMPRE ALERTA PARA AJUDAR O PRÓXIMO E PRÁTICA DIARIAMENTE UMA BOA AÇÃO.

Já compreendes que o Escotismo é uma escola de formação moral. E não se aprende moral em palavras. Fazendo, praticando, é que nos habituamos a ser virtuosos. Por isso é que a Lei diz: “está sempre alerta para ajudar o próximo”. Porque, sem atenção, sem desejo de realizar alguma obra meritória, não encontramos as oportunidades. Os que precisam passam por nós sem que os vejamos. É necessário andar atento, alerta. Mas a Lei impõe mais: “e pratica diariamente uma Boa Ação”. O Escoteiro, ao levantar-se, deve ter em mira êsse dever: praticar a B. A. Se está uniformizado, dá um nó na ponta do lenço, para não se esquecer. Quando pratica a B. A. desata o nó, fica em paz com a consciência escoteira. Mas se surge outra oportunidade? Pratica outra B. A.; e tantas, tantas, quantas apareçam em seu caminho. Uma, pelo menos, é o que a Lei exige. A B. A. pode ser pequenina ou grande. Faltar ocasião de praticá-la é que não é possível. Só se o Escoteiro não estiver alerta. E isso é contra o artigo 3º. Em casa ou na rua, cumpre êsse dever escoteiro. “Tôdas as vêzes que fizerdes isso a um de meus irmãos pequeninos, a Mim foi que fizestes”, disse Jesus. Pratica a tua B. A. por amor a Deus.

Art. 4º — O ESCOTEIRO É AMIGO DE TODOS E IRMÃO DOS DEMAIS ESCOTEIROS.

A condição de um escoteiro é tôda especial. A Flor-de-Lis e o uniforme impõem deveres mais amplos que os exigidos de uma pessoa comum. O escoteiro está obrigado aos deveres de cortesia, de

auxílio ao próximo. Se encontra uma pessoa qualquer e não a trata com deferência, atenção, cuidado, como se fôsse um amigo, é estranhável. Por isso é que a Lei inclui: "ser amigo de todos". Mas não impõe a camaradagem, isto é, o trato íntimo. Isso sòmente com as pessoas de casa. O que quer é que o escoteiro faça mais que o homem comum, que seja mais atencioso. Com os escoteiros a atitude é mais forte: onde quer que esteja, trata o outro como irmão. Tudo quanto faria de bem ao próprio irmão, faz ao companheiro de Movimento. Por isso é que dizemos "Família Escoteira". Os estranhos recebem tôda a nossa consideração e respeito, porque a isso nos obrigamos de boa vontade. Os irmãos escoteiros têm tôda a nossa estima, amizade, amor fraternal.

Art. 5º — O ESCOTEIRO Ê CORTÊS.

Para ser Cavaleiro, nas Ordens da Cavalaria Medieval, devia o jovem passar antes por dois graus: pajem e escudeiro. Como pajem devia ficar algum tempo na Côrte, aprendendo as boas maneiras, o modo de lidar com as senhoras, com os nobres, com os cortesãos. Dedicava-se à "cortesias", aprendia a ser "cortês". Deves pensar nisso em teu mês de aspirante. A civilidade, o trato social, a etiquêta, o modo de portar-se em sociedade, constituem lições para os escoteiros. Porque a Lei diz: "o escoteiro é cortês", segue-se que tudo deve fazer para cumprir a Lei. Mas a cortesias só é realmente escoteira, quando despida de exageros. Ser atencioso, reverente para com as senhoras e pessoas mais idosas, ser cuidadoso para com as crianças, são formas de cortesias. E o escoteiro deve ter uma só atitude, na rua e em casa. Não é do espírito da Lei mostrar-se o menino extremamente delicado para com os de fora de casa e ríspido, grosseiro para com os da família.

O meio familiar constitui a melhor escola para o aprendizado da cortesia. Quem se porta com os seus com doçura e atenção, dificilmente agirá de outra maneira na rua.

Art. 6º — O ESCOTEIRO É BOM PARA OS ANIMAIS E AS PLANTAS.

Lembra-te de que, ao ingressares no Escotismo, prometeste cumprir teus deveres para com Deus. Ora, os animais e as plantas são coisas de Deus. Quando têm dono aqui na terra, os meninos têm medo de mexer com elas. Mas quando são simples coisas da natureza, ai! dos pobres bichos e das pobres plantas! O gato do vizinho só é respeitado, porque o dono é uma fera. As árvores do jardim público não são apedrejadas por causa do guarda. Mas as coisas de Deus, postas no mundo para nossa alegria e utilidade, estas podem ser maltratadas. Bem vêes que isso é um absurdo. Em geral os meninos têm instinto de destruição, de maldade para com os pequenos animais. Para corrigir êsse defeito é que a Lei escoteira impõe o dever de “ser bom para os animais e as plantas”. O Escoteiro é um protetor das coisas da natureza. Quem se habitua a agir assim, trata os homens ainda de melhor forma. O patrono dos lobinhos é São Francisco de Assis, o irmão das aves e das plantas, dos animais e dos homens. Para merecer a proteção de seu santo, o lobinho tem que dominar todos os instintos maus e imitar os exemplos do padroeiro.

Art. 7º — O ESCOTEIRO É OBEDIENTE E DISCIPLINADO.

A falta de boa formação moral torna os moços petulantes, convencidos de si mesmos, arrogantes,

indisciplinados. Prevendo isso é que o Escotismo inclui em seu programa de ação o presente artigo. Um menino que pratica a virtude da obediência cresce cercado da admiração dos pais e do respeito dos companheiros. Ser obediente é cumprir uma ordem prontamente, de modo completo, com alegria e inteligência. Prontamente, para que a ordem não seja repetida; de modo completo, sem se deter em dificuldades e realizando tudo quanto foi determinado; com alegria, sem murmurar, sem protestar; inteligentemente, empregando todo o espírito de iniciativa, na execução da tarefa. Muitas vezes poderá parecer que a ordem não foi bem dada ou que produzirá maus efeitos. Como não podes desobedecer, mostra que és disciplinado. No teu relatório, enumera as dificuldades que já previas. Mas naturalmente, sem arrogância, sem idéia de censura. Teu chefe te ouvirá com atenção. Tomará nota de tuas observações. De outra vez será mais cuidadoso, mais providente. Ganharás duas vezes em seu conceito: serás um menino inteligente e disciplinado. A disciplina escoteira é tôda feita de desejo de obedecer. Não é imposta pelo chefe. Se só obedeces debaixo de uma autoridade, então não és Escoteiro. A presença do chefe não é que faz a disciplina, mas a vontade firme do escoteiro em obedecer. Nesse ponto a disciplina se confunde com a lealdade.

Art. 8º — O ESCOTEIRO É ALEGRE E SORRI NAS DIFICULDADES.

No "Se", de Kipling, há um trecho assim: "Se consegues conservar teu juízo e teu sangue frio quando todos em redor de ti perdem a cabeça e te acusam de perdeses a tua... serás um homem, meu filho!" E Baden-Powell diz, no "Caminho para o sucesso": "Um cidadão equilibrado vale por dez extre-

mistas". O que o artigo e essas palavras querem dizer é o seguinte: que te acostumes a ser calmo e tranqüilo em tôdas as situações e que nas mais difíceis sejas tão calmo que consigas até assoviar. Nós chamamos essa atitude — "domínio de si". Um escoteiro deve esforçar-se para conseguir êsse domínio. A alegria do Escoteiro, como a disciplina, é interior e pode chamar-se paz de consciência, estado de graça, satisfação do dever cumprido, conhecimento da justiça. Nada tem com a gaiatice dos meninos sem juízo. E o sorriso diante das dificuldades traduz-se em atenção, estado de alerta, segurança no êxito, confiança em si, certeza do auxílio de Deus.

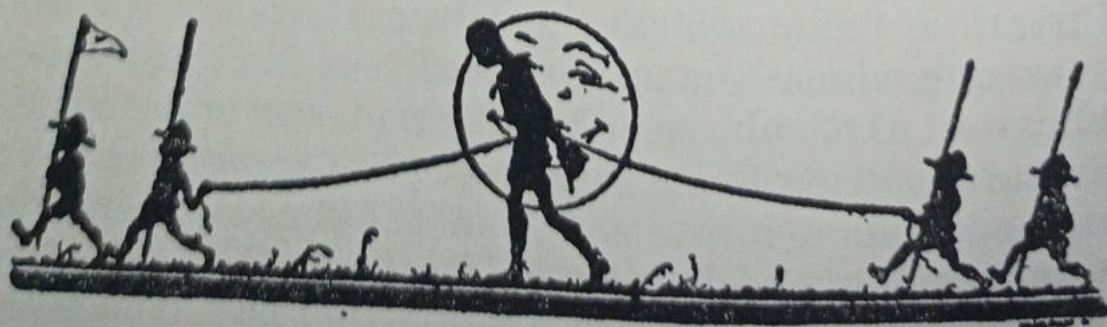
Art. 9º — O ESCOTEIRO Ê ECONÔMICO E RESPEITA O BEM ALHEIO.

A economia é uma grande virtude. Mormente nos países pobres e de vida tão difícil como o nosso. Não devemos desperdiçar. Todo o supérfluo deve ser guardado. Amanhã prestará o seu serviço. Se isso é conselho para os homens, para os meninos é uma ordem. Eles não ganham para si, logo não podem gastar sem regras. O Escoteiro, habituando-se a economizar, dá mais valor ao dinheiro. Depois saberá ganhá-lo com cuidado e honestidade. Mas não é só o que é nosso que merece atenção. Muito mais o que é dos outros. O bem alheio é tão precioso que Deus lhe dedicou dois mandamentos: "Não furtar" e "não cobiçar as coisas alheias". As pessoas que vivem em associações, em insituições públicas e particulares, ainda devem ser mais cuidadosas na observância dêsse artigo, para a falsa idéia de poder apoderar-se sem constrangimento dos bens pertencentes à coletividade. "Ê nosso!", "é do Govêrno", são exclamações que mal disfarçam a falta

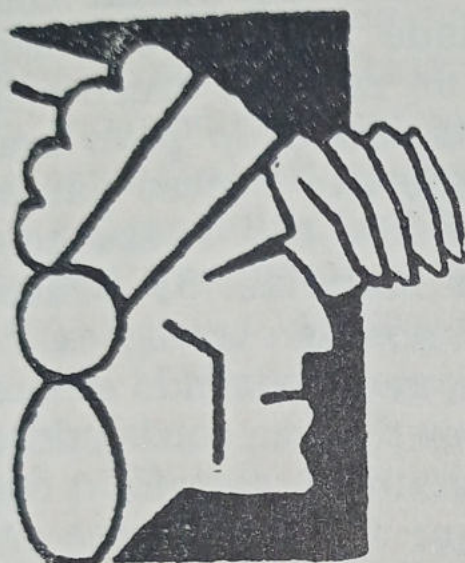
de honestidade, porque o que é “nosso”, “do Governo”, não é de um particular e muito menos de um indivíduo sem escrúpulos. Ao escoteiro cabe não apenas a prática da virtude aqui fixada, mas também o zelo por seu cumprimento, já nas associações a que pertence, já nas coisas públicas.

Art. 10 — O ESCOTEIRO Ê LIMPO DE CORPO E ALMA.

A forma primitiva, na Lei inglesa, é: “O escoteiro é puro em seus pensamentos, palavras e ações”. Tens aí a melhor idéia dêsse artigo. Não fala em corpo, mas diz tudo. Porque o que vale em nós é a alma. Ela é que determina os pensamentos, as palavras e ações. O corpo é o instrumento de nossos desejos, instintos, vontades. Se a alma não dirige o corpo para o bem, pobre dêle! Assim verás que a limpeza do corpo, exigida pela Lei, não é apenas de ordem higiênica, mas de ordem moral. Ê respeito ao próprio corpo, não o sujeitando a imoralidades nem a atos contra a natureza. Ê a dignidade pessoal, não participando de atos e conversas indecentes. O ser limpo significa para o escoteiro — ser Homem, criatura de Deus, feita à sua imagem e semelhança.



O NOVIÇO SENIOR



O ADESTRAMENTO —

Baseia-se na vida mateira, exploração, campismo, navegação e conquista do ar, tendo como motivação os grandes feitos de descobridores e exploradores, as conquistas de sábios e inventores, em todos os setores da atividade humana, para que o rapaz firme sua personalidade e sua orientação espiritual, cívica, profissional e social, alcançando ao mesmo tempo completo desenvolvimento físico e maturidade varonil. Em “Escotismo para rapazes” e “Caminho para o sucesso”, de B-P., encontra o moço as melhores diretrizes para sua vida escoteira, fixando o P.O.R. as normas a serem seguidas no adestramento.

PROMESSA E LEI — Para o Escoteiro Senior a Lei e a Promessa são as mesmas do Escoteiro. Todavia assume ainda, por escrito, o seguinte compromisso: “Quero, como Escoteiro Senior: 1) Orientar minha vida pela Promessa e Lei Escoteira e conservar-me sempre fisicamente forte, moralmente reto e mentalmente alerta. 2) Conhecer a Constituição Brasileira, especialmente os DEVERES e

os DIREITOS do cidadão. 3) Respeitar e obedecer à Lei, consciente de que só assim pode haver real segurança e liberdade para todos. 4) Cooperar cordialmente nas responsabilidades de meu lar e participar da vida cívica e social dos grupos a que pertenço — trabalho, escola, igreja ou comunidade — e também preparar-me pelo estudo dos problemas regionais, nacionais e mundiais, para exercer conscientemente o meu direito de voto. 5) Tratar com compreensão, respeito e bondade a todos os meus semelhantes, sem preconceito de raça ou credo com o espírito de tolerância característico do povo brasileiro, seu respeito a Deus, que são nossas garantias de paz, democracia, liberdade, e a nossa contribuição para a fraternidade mundial. 6) Trabalhar pelo Brasil e zelar por nossas tradições de liberdade e de responsabilidade, reconhecendo que os privilégios de que hoje gozamos foram conseguidos pela fé, clarividência, duro trabalho e sacrifício dos nossos antepassados, e empregar todos os meus esforços para que esta herança seja transmitida a uma geração ainda mais rica e mais forte.”

LEMA — Sempre alerta.

PROVAS — As provas do Noviço Senior são as mesmas do Escoteiro, as quais, depois de satisfeitas, permitem que faça a Promessa e passe a usar o distintivo escoteiro sôbre o bolso esquerdo da camisa durante tôda e vida. Se, entretanto, veio transferido de Tropa de Escoteiros, conserva o distintivo da classe já conquistada, assim como os distintivos de especialidades e cordão de eficiência já obtidos, os quais serão substituídos pelos novos distintivos, cordões e insígnias correspondentes a Escoteiros Seniores. Se, como Noviço, já tiver passado

em algumas provas de Escoteiro de 2ª Classe, poderá, dentro de 60 dias, terminar as provas como se fôsse Escoteiro, conquistando, assim o distintivo de Escoteiro Senior de 2ª Classe. Não concluindo tais provas no prazo estipulado, seguirá o que dispõe o P.O.R. para o Senior comum.

UNIFORME — Os Escoteiros Seniores de todas as modalidades usam os mesmos uniformes dos Escoteiros. Facultativamente, quando na cidade, os da modalidade básica e do mar, podem apresentar as seguintes alterações: **CASQUETE** — cáqui para os da modalidade básica; **CALÇA COMPRIDA** — da cor do uniforme, bainha simples, com bolso embutido para níquel, dois bolsos laterais embutidos e dois bolsos trazeiros aplicados com portinholas e passadeiras para cinto. Aos Escoteiros Seniores do Ar é estabelecido: **BOINA** — preta, tipo Montgomery; **CAMISA** — azul mescla, de colarinho; **GRAVATA** — tropical grenat, de laço vertical; **JAQUETA** — azul-marinho, com dois bolsos macheados com portinholas e botões pretos abotoados no fôrro; **CALÇAS** — da mesma fazenda da jaqueta, de bainha virada, com um bolso embutido para níquel, dois bolsos laterais embutidos, dois bolsos trazeiros aplicados e passadeiras para cinto.

A cor grenat é característica do Escoteiro Senior, usada no cordão de apito, nas graduações e nos distintivos de especialidades. O distintivo da Patrulha é um quadrado de pano de 3,5 cm de lado, dividido diagonalmente do canto superior dianteiro em duas cores características da Patrulha, usado na parte superior da manga esquerda, logo abaixo da costura do ombro.

UTILIDADES DO LENÇO ESCOTEIRO



- 1 — Transporte às costas
- 2 — Transporte ao nível do solo
- 3 — Tourniquete
- 4 — Atadura na cabeça
- 5 — Máscara contra o pó ou gases
- 6 — Atadura no tornozelo



Enderêgo do autor:

Chefe FRANCISCO FLORIANO DE PAULA

Rua Professor Magalhães Drummond, 97 — Telefone 2-1795

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL



IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
RUA OURO PRêTO, 1.197
BELO HORIZONTE

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Av. Rio Branco, 108 — Ed. Martinelli - 3.º andar

Caixa Postal, 1734 — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara

PARA SER ESCOTEIRO NOVIÇO